

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

O livro do general Bernhardi

A ALEMANHA E A PROXIMA GUERRA

O general Bernhardi é um dos mais distintos officiais do exercito alemão, sendo conhecidissimos no nosso meio militar alguns dos seus livros.

Ainda não ha muito tempo que se publicou a *Guerra de hoje*, obra em dois volumes, e que um grande numero de officiais do nosso exercito mui bem conhece.

Não menos notavel, porém, é o seu mais recente trabalho — *A Alemanha e a proxima guerra*.

Esta obra, publicada em alemão em 1912, obteve um verdadeiro successo, pois já em 1913 contava seis edições.

E' esta ultima edição (a versão espanhola de 1916) que conhecemos e de que nos vamos ocupar, tão notavel se nos afigura o que o autor aí expõe, e que vem lançar um jorro de luz nas causas da actual guerra.

Publicado pouco antes de se ter desencadeado essa luta tremenda que no momento actual assola o mundo, toma um valor extraordinario, visto que põe bem em evidencia quais as intenções e fins que a Alemanha formava e premeditava.

Não venho fazer a defesa das doutrinas alemãs, nem das idéas imperialistas que de ha muito a dominavam, mas tão sómente pôr em relevo as correntes de opinião que nessa nação preponderavam, e que são tão lucidamente expostas pelo general Bernhardi no seu referido livro.

Contém ainda o livro um certo numero de conceitos filo-

soficos, que se oferecem á nossa meditação e que, para um país pequeno como o nosso, mas ainda com um vasto dominio colonial, muito convém examinar e que devem ser ponderados não só por militares, mas por governantes.

Sobre eles, muito terão que refletir os nossos homens de Estado.

Em primeiro lugar, vejamos como Bernhardi considera a guerra. Esta, diz o ilustre general, representa uma necessidade e um beneficio para a conservação e progresso das sociedades humanas. A guerra é a pedra de toque do valor politico, fisico e intelectual de uma nação. Sem a guerra as raças inferiores degeneradas constituiriam um enorme obstaculo ao desenvolvimento dos elementos sãos, e d'aí resultaria uma decadencia universal. Na guerra triunfa a nação que pode apresentar em luta uma maior potencia fisica e mental, material e moral, social e politica. A guerra é não só uma necessidade biologica, mas ainda um meio indispensavel para se fazer a selecção das raças, um dos maiores factores de civilização e de cultura.

Citando Hegel, diz que a guerra é a condição *sine qua non* do desenvolvimento espirital da humanidade, pois vigorisa as nações que a paz tem enervado, consolida os Estados, dá o imperio aos mais dignos, e comunica o movimento, a luz e a vida a tudo, que contribue para a grandeza da humanidade. Põe ainda em evidencia que Renan professa as mesmas idéas.

Friza ainda, com um certo proposito, que *«a guerra conduzida de uma maneira cavalheiresca, com armas liaís, representa uma luta com um caracter mais moral do que a que é feita, sob apparencia pacifica, pelo dinheiro e pelas intrigas diplomaticas»*.

Acrescenta que a guerra deve ser imposta aos Estados que começam a degenerar, e apresenta a seguinte frase de Guilherme II:—*«que emquanto houver homens, haverá inimigos e invejosos, e, emquanto houver inimigos e invejosos, é licito combatê-los, e portanto recorrer á guerra»*.

A Alemanha, diz Bernhardi, tendo 67 milhões de habitantes, não pode permitir que 45 milhões de ingleses queiram ser os arbitros do Velho Mundo e persistam em ter a supremacia dos mares. Tambem a França, com 40 milhões de habitantes, não pode ser considerada no mesmo pé de igualdade que a Alemanha.

Os povos debeis não teem o mesmo direito á existencia como

os fortes e poderosos, e serão estes que terão o direito de impôr a sua civilização aos pequenos.

A potencia naval inglesa assoberba a Alemanha, diz Bernhardi, e por isso é preciso preparar o aniquilamento daquela; e, enquanto isso se não torna possível, deve-se organizar a defesa. Devemo-nos preparar para a proxima guerra e organizar todos os meios que garantam o aniquilamento daqueles que procuram opôr-se á expansão alemã.

Todo o povo alemão sente a necessidade dessa guerra, de forma que o pangermanismo, com a sua tendencia militarista e imperialista, é o fruto de um convencimento, e a sua base está no patriotismo, e não na imposição do elemento militar.

Em 1911 (questão de Agadir) todo o povo alemão estava convencido que só a guerra iria resolver a questão de honra e patriotismo, sendo para todos uma magoadora desilusão a ação diplomatica do governo.

Formada a *Triplice Entente*, radicado está no povo alemão a iminencia da guerra, que para a Alemanha importa *o ser, ou não ser*. Necessario é, pois, que todos os alemães conjuguem os seus esforços para a defesa comum, sujeitando-se a todos os sacrificios para dar ao exercito a maxima potencia.

A guerra, diz Bernhardi, não assusta ninguem, pois só os espiritos fracos se deixam levar por ideais filantropicos de caracter geral, quando o mundo politico se rege unicamente pelo interesse.

E' apoz a guerra de 1870 que o comercio e a industria alemãs tomaram o maior desenvolvimento. As casas de comercio alemãs estabeleceram-se por todo o mundo, e até uma parte do comercio inglês está nas mãos dos alemães.

O comercio alemão é mais industrioso que o inglês; os engenheiros e mecanicos alemães são superiores aos dos ingleses, tanto que em Manchester numerosas fabricas são dirigidas por alemães.

A Alemanha, que até aqui tem imperado no dominio do pensamento, precisa agora tomar o seu logar no dominio comercial e industrial do mundo.

Uma proxima guerra torna-se, pois, uma necessidade, e que terá as consequencias da *guerra dos sete anos*, e é por isso que o exercito deve ser sustentado e alentado pelas forças morais e materiais da nação; e, não só as tropas, mas todo o povo

unido, deve ter uma fé ardente em lutar pela defesa dos seus mais sagrados interesses.

E' preciso que o povo alemão tenha uma plena confiança na missão especial que a Providencia lhe ha confiado, visto que é o maior povo civilizado que tem existido.

Bernhardi, no capitulo I do seu livro, procura demonstrar o *direito á guerra*, rebatendo a opinião de Kant, que no seu livro *Tratado sobre a Paz perpetua*, considerava a guerra como a destruição de todo o bem e a origem de todo o mal.

Avança o mesmo general que a criação dos *tribunais arbitrais*, que os Estados Unidos quizeram organizar, não era mais que uma mistificação, e que nisso a Inglaterra andava representando um idealismo teatral. A guerra é a lei suprema. O Direito só é respeitado emquanto é compativel com as vantagens que dele se obteem. A guerra é a luta supersocial que guia o desenvolvimento externo das sociedades, das nações e das raças.

A colonização é um direito que os povos mais civilizados teem, ocupando o territorio dos menos civilizados. O povo mais culto não reconhece o direito de independencia ao que é menos progressivo.

O Direito está da parte do vencedor, e não do possuidor.

Ainda modernamente dão-nos exemplos disto a Italia na Tripolitana, e a França em Tunis, na Argelia e em Marrocos.

A vida dos homens e dos povos deve ser considerada como um fragmento da existencia universal, e, portanto, deve ter em vista o desenvolvimento das energias espirituais e morais. O homem deve considerar-se como um elemento do organismo social, procurando trabalhar para a coletividade. O individualismo puro é um criminoso egoismo.

A pequenez do homem deve desaparecer perante a grande idéa do Estado.

Os actos isolados de barbarismo que se dão nas guerras são incidentes de pequena monta perante o levantado idealismo em que a mesma guerra se inspira.

A politica de um grande Estado, diz Bernhardi, deve ter em vista fins politicos; e, *recorrer ás armas, é um sagrado direito do Estado, quando se trate de resolver conflitos que influam de uma maneira decisiva no progresso e bem estar da nação, devendo-se procurar manter bem viva esta convicção na alma popular.*

Se se tem o *direito á guerra*, ter-se-ha o *dever de fazer a guerra*, isto é, de provocar a guerra?

Bernhardi responde afirmativamente, e desenvolve esta afirmação no *capitulo II* do seu livro.

Assim diz — que o homem de Estado, tendo reconhecido a necessidade politica de fazer a guerra, não deve deixar escapar a melhor oportunidade de fazê-la, devendo para isso *provoca-la*, se tanto fôr preciso. O homem de Estado deve empregar toda a energia e decisão, sendo uma debil politica causa de desastres.

Frederico o Grande, reconhecendo a necessidade politica de aumentar a Prússia, não hesitou em provocar a Austria; emquanto que a indecisão de Guilherme III em 1805, querendo a todo o custo conservar-se em paz, levou o país á ruina em 1806.

A energia e decisão de Guilherme I e de Bismarck lançaram a Prússia na guerra, e só esta deu logar á unificação alemã.

Da mesma forma o Japão se tivesse hesitado em fazer guerra á Russia em 1904, teria deixado escapar a ocasião de se engrandecer e teria perdido toda a influencia na Coréa e na região do Amur. Uma nação mesmo pequena, não deve hesitar em a fazer, se o povo tem as necessarias energias para entrar na luta.

E, Bernhardi, cita o exemplo dos Boovers, declarando a guerra á Inglaterra. Esta, ainda que vencendo pelo numero, não conseguiu dominar aquella forte raça, considerando de boa politica obter uma fusão politica pacifica, sob a bandeira inglêsa.

De forma que a guerra levada a efeito por um homem politico energico, ainda que trouxe a derrota dos Boovers nos campos de batalha, comtudo a sua importancia politica não foi aniquilada, e, moralmente, foram eles que saíram vencedores.

Portanto, todo o homem de Estado digno deste nome, todo e qualquer meio lhe é permitido para proteger e desenvolver os interesses da colectividade. Meios considerados imorais, quando empregados pelo individuo, não teem a mesma significação quando empregados pelo Estado. A moral do Estado deve guiar-se pela natureza e razão de ser do proprio Estado, e não pela moral privada, só propria do individuo.

Comtudo um Estado tem obrigação de ser sincero nas suas relações com os outros Estados. Os subterfugios são prova de fraqueza e de ruim espirito diplomatico.

Todavia, se entre dois Estados existe uma guerra latente, *licito é proceder como na guerra, empregando-se ardís e engan-os. O direito estabelecido terá em muitas ocasiões de ser pro-traído pela politica, pois aquele direito não é incondicional, e até muitas vezes assenta em tratados impostos pela força, tendo portanto uma base imoral.*

Portanto, conclue Bernhardi, o direito de recorrer ás armas existe e constitue um dever para um Estado, não só quando este seja atacado, mas quando a politica seguida por outro Estado é atentatoria do proprio Estado e o põe em perigo. É preciso estar sempre preparado para a guerra, pois, como dizia Frederico, *negociações sem armas é musica sem instrumentos.*

Circunstancias ha em que fatalmente se terá de recorrer á guerra: 1.º—Quando a um Estado se torna materialmente impossivel suportar por mais tempo as despesas de armamento, impostas pelo poderío dos adversarios; 2.º—Quando se reconhece que o poder dos adversarios vai aumentando, e que se não poderá igualar, se se deixa decorrer mais tempo; 3.º Quando se tem noticia de uma aliança entre Estados, que estão esperando uma ocasião favoravel para nos fazer a guerra.

E' preciso que o homem de Estado não deixe fugir a ocasião; pois de contrario, como já dizia Schiller, tarde ou nunca esta voltará. Reconhecida a necessidade e a oportunidade de fazer a guerra, todos os interesses particulares e quaisquer idéas de sentimentalismo tem de se calar, não se devendo pensar nas diversas calamidades inherentes á guerra.

Já Lutero dizia, que a guerra, quando visa a um fim moral elevado, torna-se um dever divino, tão necessario e tão util, como o comer e o beber são para o corpo humano.

Tais são, em sintese, as idéas apresentadas por Bernhardi.

Depois, num novo capitulo (III.º), apresenta um *breve resumo do desenvolvimento historico da Alemanha.*

Esboça as fases porque tem passado os povos da raça germanica, mostrando que, apoz a queda do Imperio romano, na organização dos estados modernos exerceram a maior influencia os germanos e o cristianismo. Este, pregando a igual-

dade dos direitos dos homens, formolou o código mais elevado de moral até então conhecido; os germanos, vindo fundir-se com os povos decadentes do Império romano, trouxeram novos elementos de vida, dando ensejo a uma nova organização social.

Os germanos que vieram estabelecer-se ao sul dos Alpes, são os que mais assimilaram a civilização romana, mas também os seus vícios. São os povos da raça latina. Os germanos que se fixaram mais do Norte conservaram-se mais puros.

Inutilmente tem os povos latinos procurado formar um grande império. Efémera foi a tentativa de Carlos Magno para reconstituir o Império romano do ocidente.

Também os germanos propriamente ditos, procuraram sob Othão o Grande formar um vasto império. As lutas com o Papado fizeram fracassar esta nova tentativa: porém o valor moral e material dos povos germanicos não desapareceu, manifestando-se de uma maneira intensiva na *Liga Hanseatica*.

Ainda nas grandes lutas religiosas o sangue germano corre em torrentes, fundamentando o grande progresso intelectual da humanidade. É em vão que, primeiro a Espanha, depois a França, procuram subjugar o espirito de liberdade dos alemães. Estes consomem as suas forças nessas lutas, fracionam-se em pequenos estados, e assim não podem tomar parte nas grandes descobertas.

Um desses estados, porém, a Prússia, em luta constante com a natureza, conserva as qualidades atavicas da grande raça germanica, e consegue, por diversas etapas, em luta armada, exercer a hegemonia e realizar o *ideal germanico*. Bismarck, um dos fundadores do novo Império, não conseguiu ver completa a sua obra, que era levar o dominio germanico desde o Mar do Norte até ao Adriatico e Mediterraneo.

O desenvolvimento e consolidação do poder germanico devia inevitavelmente provocar invejas, lesionar interesses criados, é provocar da parte dos interessados uma aproximação, que os levaria a constituir uma aliança verdadeiramente ofensiva.

Por outro lado, diz Bernhardi, a situação interna da Alemanha tem-se modificado nos ultimos quarenta anos. As industrias, o commercio e a agricultura tomaram um crescente desenvolvimento e deram lugar ao socialismo, em luta com

as classes burguesas; as antigas rivalidades entre o Norte e o Sul também não têm permitido a constiuição de uma homogênea e forte nacionalidade. Como contribuir então para alcançar essa fusão?

A historia já o tem mostrado—recorrendo a uma guerra.

Eis, pois, postas em evidencia por Bernhardi as causas da guerra actual. Foi uma necessidade resultante da situação externa e interna da Alemanha.

Ainda Bernhardi aponta o perigo que corre a Alemanha da invasão eslava pacifica, pois é enorme a massa de eslavos que se tem infiltrado na Alemanha, vindo estabelecer-se até no centro da Vestefalia. A Austria corre também o perigo das influencias eslavas, e não é por meios pacificos que esse perigo será desviado. E' preciso recorrer á guerra. E assim se vê, pela comunidade de interesses; a necessaria aproximação da Alemanha e da Austria.

Ainda a Alemanha precisa colocar o excesso de população, a superprodução das suas fabricas, e para isso carece de extensas colonias; e, para ter mercados nas colonias, precisa ter livre os caminhos maritimos. A França tem aumentado o seu dominio colonial e a Alemanha, diz Bernhardi, tem o pleno direito de ter uma parte mais importante no dominio da terra.

Esta necessidade da Alemanha se tornar uma *grande potencia colonial e mundial* pois de contrario será *arruinada* pelos seus adversarios, é plenamente desenvolvida por Bernhardi num outro capitulo.

Ele ahi diz: O *direito*, e até o *dever*, em nome de civilização, que a Alemanha tem em se tornar uma potencia mundial, será coartado pelas condições de posse das outras nações que a precederam, e que procurarão defender pelas armas os seus dominios.

Sendo, pois, indispensavel a guerra, é evidente que o *poder politico* da Alemanha tem de se apoiar no *poder militar*.

Acidentalmente a Italia está aliada á Alemanha e á Austria.

Os interesses da Italia são antagonicos com os da Austria.

Esta nação e a Alemanha, diz Bernhardi, cometeram um grande erro em não terem auxiliado a Italia na sua expansão na Africa. Assim teriam feito desaparecer o *irredentismo*.

Se a Italia tivesse ocupado Tunis, ter-se-ia creado um poderoso motivo de antagonismo entre a Italia e a França, que se traduzia em beneficio da *Triplice*. Porém a Austria e a Alemanha deixaram que a Inglaterra e a França se aproximassem da Italia na questão da Tripolitana, de forma que, é de esperar que no caso de uma guerra contra aquelas nações, esta ultima nação se conservará, pelo menos, neutral (não se enganou Bernhardi na suas previsões).

Tambem os interesses balkanicos são antagonicos entre a Italia e a Austria.

A Alemanha cometeu ainda outro erro permitindo que a França anexasse Marrocos, o que deu ensejo a que esta nação aumentasse o seu poder colonial; e é esta expansão colonial que permitirá á França aumentar o seu poder militar, pois em breve poderá recrutar forças importantes nas suas colonias africanas.

A aliança da Russia com a França e a Inglaterra terá no futuro uma importancia grande. Actualmente o exercito russo não é para temer. Os seus quedros são insuficientes e pouco instruidos; o soldado russo é uma massa sem iniciativa e sem decisão. Comtudo, diz Bernhardi, devemos contar com o seu resurgimento, e que a sua politica futura será apoderar-se da desembocadura do Vistula, dando-lhe a supremacia do Baltico, e procurará exercer o seu predominio na Peninsula Balcanica, e o livre acesso ao Mediterraneo.

A Russia não tem grandes interesses ligados á França, e a sua aliança tem antes por fim obter os recursos monetarios que lhe faltam para a sua reconstituição.

Tambem os convenios da Russia com a Inglaterra relativamente á Asia oferecem pouca estabilidade e por isso a sua aliança não terá grande consistencia.

E, possivel porém que a Russia, antes de consolidar o seu poder militar, se veja forçada a provocar uma guerra, para assim desviar as atenções e afastar os graves perigos que a ameacem, de um intenso movimento revolucionario.

Já a aliança franco-inglesa oferece mais segurança, pois a Inglaterra tem o maior interesse em provocar uma guerra com a Alemanha, visto que esta lhe está criando graves dificuldades na Turquia asiatica e na Africa Central.

O movimento nacionalista na India e no Egipto e o cres-

cente poder do islamismo podem pôr em risco o poder inglês.

A' Alemanha compete explorar este campo.

A Aliança com a Turquia será, pois, de uma boa politica, pois este Estado pode eficazmente ameaçar por terra o dominio inglês no Egipto, e uma guerra entre estes paizes deve refletir-se no movimento islamico que assim ameaçará o poder mundial da Inglaterra.

A' Alemanha interessa ainda que a Turquia conserve Constantinopla e Andrinopla.

Do Japão, diz Bernhardi, que pouco ha recear na Europa; mas para a Alemanha manter as suas possessões na China, deverá procurar manter a rivalidade entre esta nação e o Japão.

Bernhardi tambem julga conveniente que a Alemanha tenha uma aliança com a Espanha, aproveitando as rivalidades que esta nação tem com a França por causa de Marrocos, e com a Inglaterra por causa de Gibraltar, cuja perda muito fére o orgulho nacional.

Nos paizes Balkanicos deve-se contar com o odio irreconciliavel da Servia á Austria, mas como a Bulgaria é inimiga daquela, ha toda a conveniencia em procurar um entendimento com esta nação, o que constituirá um importante auxilio.

Relativamente a Portugal, diz o general Bernhardi, apenas contaremos com ele para nos apoderarmos da suas colonias. A Alemanha precisa de colonias que já estejam em condições de receber o seu excesso de população.

Um desastre financeiro ou politico em Portugal poderá dar ocasião a que adquiramos uma parte das suas colonias. Um acordo já existiu entre a Alemanha e a Inglaterra para essa partilha, acordo que não tem tido publicidade, e que até parece ter sido posto de parte pela Inglaterra, visto que num convenio recente garantia áquele país a posse de todas as suas colonias.

Bernhardi ainda aborda a questão de se respeitar o territorio dos países neutros no caso de uma guerra europêa.

A este proposito, diz ele,—os tratados internacionais feitos no começo do seculo XIX em condições e até com conceitos muito diferentes sobre a essencia do Estado, não teem actualmente valor.

Assim quando a Belgica foi declarada neutral, ninguem pensava que viesse a ocupar o Congo, e esta occupação, mudando a essencia do Estado, fez *ipso facto* desaparecer a neutralidade, por isso que, toda a nação que se subtraí ao perigo da guerra não tem direito a entrar em competencia politica com outros Estados.

Num outro capitulo (o VI) trata Bernhardi da *importancia social e politica da preparação para a guerra*, e nele desenvolve a tese, (aliaz sabida), de que hoje os exercitos devem estar preparados desde o tempo de paz nos mais insignificantes promenores para que possam mostrar a maxima potencia na guerra, e que essa preparação deve ser considerada sob o ponto de vista *militar, politico e social*.

O sistema e a extensão da preparação para a guerra dependem das condições politicas exteriores de uma nação e do conjuncto de interesses internos.

Quando um estado carece de condições para uma vida nacional independente, quando não tem os meios de cultura propria, quando não dispõe da força para defender a sua existencia politica, está sempre ameaçado na sua integridade por um Estado visinho mais poderoso, ainda que a sua independencia seja justa, ou a sua neutralidade esteja declarada por convenios internacionais. Um país pequeno deve porém ter meios defensivos que lhe permitam lutar até que seus aliados possam intervir.

Os provaveis aliados teem porém o direito de ter uma certa influencia e exereer a sua intervenção na preparação para a guerra de um tal Estado, aproveitando ao mesmo tempo as suas circunstancias locais, a sua posição geografica e a natureza do seu territorio ¹.

Os pequenos Estados não devem confiar demasiado nas alianças, pois as combinações politicas podem variar, e todo o Estado que quer manter a sua independencia deve procurar desenvolver a maior potencia militar, ainda que tenha de fazer sacrificios; e, se tiver por visinho um Estado mais forte, mais uma razão terá para procurar desenvolver um maior esforço militar e a maxima actividade politica. Todavia o desenvolvi-

¹ Naturalmente Bernhardi quer referir-se á acção da Alemanha na Turquia.

mento militar não deve exceder a capacidade dos seus recursos economicos, baseando-se sempre no desenvolvimento harmonico de todos os elementos de forças fisica, intelectual, moral, financeira e militar.

Tratando do sistema organico do exercito, Bernhardi diz, que *o sistema de improvisar massas armadas ou mal instruidas não pode dar um exereito consistente, podendo até constituir um perigo.*

Dada a perfeição da tecnica e das armas modernas, maior necessidade ha em aumentar o grau de preparação para a guerra tanto em relação ao pessoal, como ao animal e material. *A instrução superficial dos soldados constitue um mero engano.* A preparação de todas as forças vivas da nação para a defesa, é uma verdadeira preparação para a guerra, e que deve abranger a preparação moral do povo.

Todo o homem de Estado tem pois o dever de estimular e coordenar todas as forças vivas da nação, interessando-as e aproveitando-as para a defesa comum.

Em novo capitulo (o VII) examina Bernhardi qual deverá ser *o caracter da proxima guerra.* Para isso aprecia as forças militares dos países que entrarão no conflito armado, analisando as da França, Russia, Inglaterra, Italia, Austria, Turquia, Servia, Bulgaria, Montenegro, Grecia, Romania, Belgica, Espanha, etc.

Tratando do exercito inglês, considera-o com um fraco valor tático, como se manifestou nas mais recentes manobras de 1912. Conta que a ação da Russia será em parte paralizada com movimentos revolucionarios internos, como já sucedeu na guerra com o Japão.

A proxima guerra, diz Bernhardi, terá o caracter de uma grande energia, será uma guerra de destruição, pois os exitos medianos dariam logar a que se renovasse a guerra dentro de um curto prazo, e isso não convirá aos interesses dos aliados.

A guerra terá, pois, de ser decisiva e importará o aniquilamento dos vencidos.

Em capitulos especiais, trata o escritor de que nos vimos ocupando, da *organização do exercito*, da *instrução militar* e da *educação nacional.*

Como axioma estabelece — *que toda a preparação para a guerra deve procurar desenvolver a maior força combatente e a maior capacidade tática para que seja possível realizar com êxito a guerra ofensiva.*

A força combativa de um exercito, diz Bernhardi, fundamenta-se na instrução, no armamento, no elemento humano e na organização das tropas.

Para que um exercito seja organicamente forte, é necessario que possua desde o tempo de paz os quadros de officiais correspondentes aos efectivos de guerra; que sejam grandes a capacidade e o espirito dos chefes, officiais e sargentos; que em todos exista a mais completa disciplina, decisão e iniciativa.

Emquanto á força numerica dos quadros, diz que, sendo dependente do orçamento, torna-se difficil ter numerosos quadros de sargentos, visto que para chamar a concorrência é necessario dar-lhes um regular vencimento e vantagens pecuniaras futuras ou empregos civis.

Tratando da composição das unidades, diz que a *capacidade operativa* provém, não só da boa relação das diversas armas, mas ainda da organização das unidades em cada uma.

Condena a organização binaria, porque difficulta a constituição das reservas, visto que, para formar estas, tem-se de desfazer as unidades, deixando os chefes sem comando.

Considera muito superior a organização ternaria, tornando-a até extensiva ao corpo d'exercito, dotado de 3 divisões, e estas a 3 regimentos, suprimindo-se assim as brigadas.

Relativamente á cavalaria, julga indispensavel dotar cada divisão com um regimento de cavalaria a 3 esquadrões, e que as unidades ciclistas que devem apoiar a cavalaria devem-lhe estar distribuidas desde o tempo de paz, para aprenderem a atuar em conjunto.

Tratando da *instrução militar*, diz que ela deve visar o desenvolvimento da personalidade e da individualização, especialmente na infantaria e na artilharia, e que na cavalaria em exploração deve haver a maxima iniciativa.

Os terrenos cobertos ou acidentados, obrigarão frequentemente a artilharia a constituir-se em grupos, e em formações separadas e escalonadas, isto é, a dispersão, mas concentrando os fogos sobre o objectivo tático mais importante. Tal dispersão difficulta a ação do comando é certo, mas torna-se necessaria.

Ainda que seja conveniente dar grande importancia á técnica do tiro, comtudo, não se deverá descurar o emprego táctico da artilharia.

Bernhardi julga indispensavel que no tempo de paz se façam marchar atravez dos campos brigadas e divisões, tanto de dia como de noite, levando secções de sapadores nas vanguardas, e que se deveriam organizar colunas com a profundidade de 25 a 30 quilometros, ainda que esta profundidade não correspondesse aos efectivos dessas colunas, mas para assim se formar uma idéa mais exata do funcionamento do serviço de reabastecimentos.

Não se pode aprender teoricamente, diz Bernhardi, o mecanismo do reabastecimento de grandes unidades, sendo preciso pratica-lo, e para isso dever-se-ha nas manobras efectuar os reabastecimentos como no tempo de guerra.

Ainda o mesmo autor chama a atenção para o facto de algumas vezes se dar o comando nas grandes manobras a generais que estão prestes a ser reformados.

Tratando da instrução dos officiaes de cavalaria, diz que estes precisam ter uma grande preparação scientifica, pois na cavalaria a parte operativa é ainda mais essencial que o combate, mas devendo-se ligar este com aquella, e que estes officiaes não se devem limitar a praticar só a equitação, e que as escolas de equitação muito tem contribuido para que a cavalaria siga por um mau caminho.

Diz Bernhardi que a Academia superior de guerra na Alemanha apenas prepara para o Estado Maior, tornando-se necessario um Instituto Superior de instrução militar, onde os officiaes se habilitassem para o alto comando, estudando os grandes problemas militares sob um ponto de vista filosofico, como a legitimidade da guerra, as suas relações com a politica, a cooperação das forças materiais, a importancia da personalidade nos sucessos da guerra, etc.

Ocupando-se da *educação nacional*, diz que o poder militar assim como a força politica do Estado, tem suas raízes na educação do povo, não só fisica, mas espiritualmente.

É preciso educar a vontade do povo, porque é preciso que o Estado se apoie neste. Sob o ponto de vista militar, é necessario cuidar do desenvolvimento corporal e intelectual da

juventude, para que esta, ao entrar na vida militar, cuja duração é hoje muito reduzida, traga já uma preparação que facilite a aprendizagem, e mesmo os quadros actuam mais facilmente sobre individuos de intelligencia desenvolvida e bem dispostos. Esta preparação deve ser ministrada nas escolas, onde o ensino deve ser orientado neste sentido.

O ensino da historia patria é duma alta importancia, mas encontra-se muito descurado na Alemanha, como se viu em 1910, em que sendo interrogados 63 recrutas de uma companhia, nenhum soube dizer quem tinha sido Bismarck.

Sob este ponto de vista, o ensino nas escolas japonêsas é digno de ser imitado; de forma que, quando os rapazes são chamados ás fileiras, é isso um motivo de festa nas familias, que celebram com alegria o cumprimento do mais honroso dever civico. Foi este espirito educativo que fez com que o Japão triunfasse da Russia, onde se considerava a guerra como um anacronismo, e o serviço militar como uma deshonra.

Não são menos interessantes os dois capitulos em que Bernhardi trata da *preparação para a guerra naval* e do *caracter que a proxima guerra naval deverá ter*.

O futuro da Alemanha está no mar, diz Bernhardi, e para isso é necessario que se torne uma potencia naval de tal ordem, que possamos combater contra a Inglaterra. Só Guilherme II soube reconhecer essa necessidade, de forma que só a partir de 1900 é que se estabeleceu um criterioso plano naval, que deverá estar completo em 1914. As hesitações que tinham havido, procurando-se resolver o problema gastando pouco, foi um erro que muito demorou o desenvolvimento naval da Alemanha. Ao principio só se pensou em defender as costas e o comercio maritimo, mas não se viu que, para garantir a liberdade dos mares, seria preciso combater, tornando-se assim necessario ter unidades de combate de alto mar.

Estas unidades devem ter superioridade sobre os tipos ingleses em velocidade e poder ofensivo. Torna-se indispensavel desenvolver o mais possivel a construção de submarinos com grande velocidade e grande raio de ação, podendo atuar a grandes distancias no alto mar. E' preciso ainda desenvolver o serviço aeronautico, que deverá cooperar com a ação naval. Os aeronavios deverão empreender ataques estrategicos ás cos-

tas inglêsas, e procurar destruir os navios de comercio dos inimigos, devendo os cruzadores auxiliares ter T.S.F. para receber ordens e se transformarem em navios de guerra.

Diz ainda: A organização defensiva das costas deve permitir ter fortes bases navais, onde se recolham as nossas esquadras, e donde possam sair, logo que chegue a oportunidade de tomar a ofensiva. A nossa ação deve visar principalmente a Inglaterra, que foi quem impediu que fossem satisfeitos os nossos interesses em Marrocos, e devemos ter presente que a Inglaterra não hesitará em provocar a guerra antes que nós tenhamos completado o nosso programa naval.

Emquanto não adquirirmos a superioridade naval, teremos de adotar a defensiva, pelo menos ao principio, mas sem perdermos a esperança de passar á ofensiva.

Bernhardi, considera depois a forma como a Inglaterra procurará realizar o bloqueio das costas alemãs, e a maneira de contrariar esse bloqueio, não só fortificando determinados pontos de apoio, mas procurando evitar desembarques, empregando de dia os submarinos e de noite estes e torpedeiros.

A posse do Sund e do Grande Belt, dará aos alemães a chave do Baltico e permitirá o ataque á linha de bloqueio inglêsa.

O ataque aos navios de comercio será feito de uma maneira energica e surpreendente. As destruições devem ser completas, sem nos embaraçarmos em fazer prezas, atacando mesmo os navios neutrais, que conduzam contrabando de guerra. O trafico maritimo inglês deverá tambem ser embaraçado semeando nas linhas de navegação sistemas de minas.

Relativamente á maneira da Alemanha continuar a receber viveres e materias primas para as suas industrias, Bernhardi julga indispensavel que sejam tomadas as disposições necessarias para que a Alemanha possa receber tudo por intermedio da Holanda, da Belgica e mesmo da Dinamarca, e, acrescenta ele, se estas nações, receando a ação naval da Inglaterra, tentassem pôr embaraços ao comercio alemão, deveriamos atacal-as pelas suas fronteiras terrestres. Todas as medidas necessarias para que nos seja garantido o comercio, teem de ser preparadas com antecipação em tempo de paz, devendo haver uma repartição especial para este serviço, e pelo qual se tornará responsavel, repartição que deverá fazer

parte do ministerio do commercio, e que procederá de accordo com as mais importantes casas commerciaes.

Finalmente, ainda Bernhardi se occupa num ultimo capitulo da *preparação financeira e politica da guerra*, cuja necessidade põe em evidencia, tendo-se em vista as imensas despesas que exigirá uma guerra moderna, e sendo indispensavel que se organize a *mobilização politico-comercial*, que deverá assegurar o abastecimento de todas as materias necessarias á industria e á alimentação do povo,

Torna-se tambem indispensavel uma preparação politica externa, procurando-se, por meio de alianças, isolar o mais possivel os inimigos provaveis na guerra.

Dever-se-ha considerar como fazendo parte da preparação para a guerra, tudo que tenha em vista desenvolver a riqueza pública, a capacidade produtora dos cereais e da carne, assim como de todas as industrias que mais directamente se tenham de utilizar no fabrico de artigos militares.

O aumento da riqueza pública importa uma melhoria nas condições do trabalho operario, cujos salarios aumentarão.

E' preciso que o Estado procure auxiliar as classes trabalhadoras, pois estas bastante contribuem para o aumento da riqueza pública. E' preciso, porém notar, que se deverá antes melhorar as condições em que se executa esse trabalho, do que reduzir o numero de horas de trabalho.

Não se deve, porém, procurar melhorar a situação economica á custa dos orçamentos da guerra e da marinha.

A força militar é o maior apoio do credito; e por isso, diminuir a força militar, equivale a pôr em perigo a segurança financeira. A nação que tem um forte exercito e poderosas esquadras oferece garantias de credito.

Relativamente ás alianças politicas, diz Bernhardi que — um verdadeiro estadista só deve contrair alianças quando tenha a convicção que cada um dos contratantes tem nisso um verdadeiro interesse. «Não ha no mundo aliança que possa considerar-se sólida, senão se funda em comuns e reciprocos interesses; se o proveito pertence sómente a uma das partes e nenhuma á outra, a desproporção anula a obrigação». Assim dizia Frederico o Grande, o melhor mestre em politica. Um Estado que procura numa aliança só os seus interesses,

sem favorecer os interesses do aliado, corre risco de não encontrar este na ocasião do perigo.

A politica que se não fundamente em bases sólidas, é uma politica de aventuras, como foi a de Napoleão III no Mexico e da Italia na Abissinia. A guerra deve ser preparada politica e militarmente, como fez o Japão antes de atacar a Russia.

*

* *

Já vai longo este artigo, mas pelo que deixamos dito acêrca do livro do general Bernhardi, o leitor concluirá a importancia dos assuntos nêle tratados, alguns dos quais dizem respeito a Portugal. Muitos dos meios de ação empregados na atual guerra ali estavam indicados. Resalta com toda a evidencia, pelo que diz Bernhardi, que esta guerra era inevitavel, e que tanto a Inglaterra como a Alemanha, se estavam preparando para ela. As alianças que Bernhardi apontava como necessarias á Alemanha, esta as rializou. Emquanto ao importante papel da Turquia na presente guerra, não tardaremos em vêr se se confirmam as previsões de Bernhardi. Emquanto á teoria, de que os países fortes absorverão os pequenos, porque estes não teem razão de existir, a propria historia se encarrêga de demonstrar que isto não é de uma exactidão absoluta. A missão historica dos povos não é unicamente função da sua extensão territorial. Na propria natureza se vê que os pequenos organismos tambem são chamados a desempenhar um papel importante no vasto e complexo funcionamento do universo.

VICTORIANO CESAR.

A mobilização do exercito da Republica

(Continuado do n.º 9 de 1915)

A fraca proporção de artilharia que ainda hoje subsiste na nossa unidade de batalha — a divisão —, não justificaria a conservação naquela arma, da unidade *regimento*, no pé de guerra.

Assim se explica que a lei organica do exercito de 1911 ¹ tivesse ratificado a disposição já anteriormente regulamentar ², segundo a qual, na ocasião da mobilização, ocomandante do regimento de artilharia de campanha vai assumir o comando da artilharia divisionaria, levando como seu adjunto o ajudante do regimento, e o tenente-coronel, 2.º comandante deste, passa a exercer unicamente o comando da coluna de munições divisionaria que já durante a paz lhe é atribuido, tornando-se assim independentes os grupos de baterias do regimento quando mobilizado.

É, portanto, na artilharia de campanha, o grupo de baterias a verdadeira unidade de mobilização, no que difere essa arma das suas irmãs, a infantaria e a cavalaria, que de facto mobilizam regimentos.

Nestas circunstancias, aliás bem conhecidas mas que convinha recordar, as considerações que vamos apresentar relativamente á preparação da mobilização do grupo de baterias de campanha, tanto se applicam a um grupo independente, como é o grupo a cavalo, como a qualquer dos grupos que, em tempo de paz, se acham reunidos constituindo os regimentos montados e de montanha.

Os documentos que dizem respeito á preparação da mobilização do grupo de baterias de artilharia de campanha, são

¹ §§ 4.º, 5.º e 7.º do art. 78.º

² *Reg. Mobilização* — 3.ª parte — art. 47.º

os mencionados no *Quadro II*, que, como fizemos para a bateria, vamos analisar sumariamente.

1) *Mapa da força do grupo*.—Da redacção do art. 22.º da 4.ª parte do *Regulamento geral* e do proprio modelo n.º 27 a que o mesmo artigo se refere, pode depreender-se que o mapa diario da força é escriturado sómente na secretaria da unidade independente (regimento, batalhão ou grupo isolado) limitando-se os comandos dos grupos (ou batalhões) a fazer conferir pelos seus ajudantes, os mapas das baterias que áquele servem de base.

Sendo, na artilharia de campanha, como dissémos, o grupo de baterias a unidade de mobilização, e sendo o *mapa da força* o documento fundamental da mobilização das unidades, pelas razões que expuzémos a respeito da bateria, parece-nos indispensavel que cada grupo de baterias, isolado ou não durante a paz, organize diariamente o seu mapa em presença dos mapas diarios das baterias, o que não impede que, em vista dos mapas dos grupos assim organizados, seja escriturado o mapa total do regimento, se assim se julgar indispensavel para as necessidades do serviço do tempo de paz.

Dessa forma ficará tendo cada grupo o seu mapa proprio, onde dia a dia, saberá os recursos de que dispõe, em pessoal e animal, para a sua mobilização.

Segundo o citado art. 22.º do *Regulamento geral*, o diario ^m/27 é escriturado a lapis em papel cartão, disposição, sem duvida, vantajosa, mas que, a nosso vêr, exige que seja escriturado em duplicado, para facilidade de conferencia.

De facto, se por lapso se apaga um numero escrito numa determinada coluna, em vez de outro da coluna contigua que se tornava necessario emendar—o que será frequente, dada a extensão do mapa e o grande numero das suas colunas—, difficil se tornará repôr o numero apagado se não houver o duplicado, ainda intacto, com que rapidamente se confronte.

Esse duplicado poderia ser enviado no fim do mês ao quartel general da divisão, depois de coberto a tinta e completado, no verso, com as indicações que são exigidas no ^m/52, a que se refere o art. 74.º do *Regulamento geral* (4.ª Parte).

Segundo este artigo do *Regulamento*, dois mapas são hoje extraídos, com efeito, no ultimo dia de cada mês, do diario

^m/27, para serem enviados, um, o ^m/51 á Secretaria da Guerra, outro o ^m/52, ao quartel general da divisão.

Não compreendemos a conveniencia de haver três modêlos diferentes para um mapa que afinal contém sempre as mesmas indicações, áparte as que são lançadas no verso do ^m/52, que em qualquer deles podiam ser escrituradas ou não, conforme fôsse ou não necessarias segundo o destino do mapa.

A nosso vêr, um modêlo unico satisfaria, sendo escriturados em papel cartão dois exemplares que, no fim do mês, devidamente completados e cobertos a tinta, seriam destinados, um ao arquivo da propria unidade e outro ao quartel general de que esta depende; um outro exemplar, copiado no fim do mês, de qualquer dos dois, seria enviado á Secretaria da Guerra, como exige o *Regulamento geral*.

Assim, ficariam satisfeitas, parece-nos, com maior facilidade e maior segurança, todas as exigencias deste Regulamento a tal respeito.

Quanto ás dimensões do mapa, têm aqui inteira applicação as considerações que fizemos a proposito do mapa diario da bateria e que ocioso seria repetir.

E, adoptadas que fôsse para o mapa da força do grupo, as alterações que propuzemos para o da bateria, com o fim de o tornar mais manejavel, talvez se tornassem dispensaveis os mapas do pessoal e dos solipedes *existentes e a mobilizar* (modêlos 17 e 18 do Reg. Mob.), que o mapa da força substituiria sem inconveniente, para os fins a que tais mapas eram destinados pelo Reg. Mob. (art. 32.^o e 88.^o).

Parece-nos evidente a simplificação que, da adopção das medidas a que nesta alinea aludimos, resultaria para a escrituração das unidades, e tudo quanto concorra para a simplificar, é sempre aceite com o maior agrado por quem nelas trabalha com vontade de produzir alguma coisa de mais proveitoso do que a imensa papelada cuja utilidade nem sempre se chega a perceber. . .

2) *Cadernos de chamada*. — Segundo o Reg. Mob. de 1907, existiam nos DRR dois modêlos de *cadernos de chamada* dos *reservistas*, um dos quais era o duplicado do que devia existir nas administrações dos concelhos ou bairros (Reg. Mob. 3.^a Parte, n.^{os} 9 e 11).

A actual lei organica do exercito (art. 478.º) manteve estes ultimos *cadernos de chamada*, a cargo das auctoridades administrativas, como registo dos militares—*licenciados* do activo ou *reservistas* das tropas de reserva ou territoriais—suprimindo, porém, o mod. n.º 1 do Reg. Mob. e descentralizando o serviço dos DRR que agora compete ás unida-des activas—para os *licenciados*—e ás unidades de reserva—para os *reservistas*—ficando apenas os DR obrigados á escrituração dos cadernos de chamada dos *territoriais*.

Tal é a doutrina que dimana dos art. 15.º e 37.º (§§ 9.º e 10.º) da 4.ª Parte do *Regulamento geral*.

Em cada grupo de baterias activo—unidade de que especialmente nos ocupamos—são, pois, escrituradas nos *cadernos de chamada* (m/23 do *Regulamento geral*), as praças que são licenciadas por terem terminado o tempo de serviço efectivo a que eram obrigadas, na fileira, sendo cada uma delas lançada no caderno correspondente á paróquia onde vai domiciliar-se.

Faremos aqui notar que, ao passo que a Circ. n.º 80 de 6-12-911 (O. Ex. n.º 24-1911) elucidativa da lei organica, determinava (n.º 10.º) que os cadernos seriam tantos quantas as paróquias da circunscricção ou DR donde a unidade recebia as suas praças, do *Regulamento geral* (4.ª Parte, art. 15.º) poderá depreender-se que os cadernos sejam ainda separados *por classes* dentro de cada paróquia. Não é essa certamente a intenção desta disposição regulamentar, que *decupliaria* o n.º de cadernos de chamada de cada grupo, sem reconhecida vantagem prática. Parece-nos que não haverá inconveniente em escriturar no mesmo caderno, homens de varias classes sucessivas, porquanto a classe de cada um ficará inscrita na respectiva coluna do caderno e logo que, findos os dez anos de serviço activo, o *licenciado* passe a *reservista*, será trancado o seu nome no caderno da unidade activa, para passar a ser escriturado no da unidade de reserva para onde fôr transferido. Assim, o grupo de baterias a cavallo que, recebendo os seus recrutas das 4.ª e 7.ª circunscricções, poderá ter de escriturar 690 cadernos de chamada, que tantas são as paróquias compreendidas nos 8 DR respectivos, teria necessidade de escriturar 6:900 (!) cadernos se fosse um para cada classe, o que seria quasi um absurdo.

Feito este reparo, resta-nos dizer que é pelo *caderno de chamada* do grupo, que se póde calcular o numero de homens que deverão embarcar nas diversas estações de caminhos de ferro, na ocasião da mobilisação e que êle serve tambem de registo de apresentação para as revistas de inspecção, como se verifica pelo modelo 23 do *Regulamento geral*.

A existencia dos cadernos nas sédes dos concelhos ou bairros, considerada indispensavel na vigencia da anterior organização, ainda hoje se justifica. Simplesmente seria para desejar que todas as autoridades administrativas lhes dedicassem um pouco da sua atenção, fazendo-os escriturar e arrumar devidamente, o que nem sempre acontece, segundo nos consta, talvez por carencia de pessoal competente para tal serviço.

3) *Relação dos licenciados dispensados de se apresentar imediatamente.*—De entre os licenciados, como de entre os reservistas, alguns ha, hoje como dantes, que, em virtude dos cargos que desempenham, são dispensados de se apresentar no acto da mobilização.

Prevía a hipotese o art. 12.º da 3.ª Parte do Reg. Mob., onde tais cargos são mencionados, determinando que nos antigos DRR houvesse, sempre em dia, relações dos militares (então reservistas) nessas condições, cujas folhas de registo deveriam estar separadas em pastas especiais.

E' obvia a conveniencia de transferir tais disposições para as unidades activas na parte que respeita aos seus licenciados, para que, no acto da mobilização, se saiba que o licenciado F. . . não se apresenta porque figura no numero dos dispensados por motivo do cargo que exerce.

4) *Relação dos militares ausentes.*—A incessante emigração, faz com que, a despeito de todas as medidas até hoje tomadas pelo governo da Republica, a grande maioria das unidades do exercito deixe de contar no seu efectivo mobilizavel um grande numero de homens ausentes no estrangeiro. A juntar a estes, ha ainda os que vão residir nas colonias, os tripulantes de navios, emfim todos os que, por qualquer circunstancia se encontrem, no acto da mobilização, ausentes da metropole.

O Reg. Mob. (art. 13.º da 3.ª Parte), prevendo o caso, de-

terminava que nos D R R houvesse relações dos reservistas ausentes, relações que, a respeito dos *licenciados*, devem hoje existir nas unidades activas (como as citadas em 3), para justificar a falta dos que, por tal motivo, não possam obedecer ao edital de convocação.

5) *Relações nominais dos oficiais e sargentos licenciados ou milicianos.* — Determinava o art. 14.º do Reg. Mob. que os D. R. R. enviassem anualmente ao Q. G. da Divisão relações dos oficiais de reserva, de cada arma ou serviço, e residentes em cada concelho do distrito, e em vista dessas relações, fazia depois o Estado Maior a distribuição daqueles oficiais pelas diversas unidades para completar os seus quadros.

Hoje nenhuma intervenção tem os D R no complemento de oficiais das unidades activas deixando, portanto, de ter razão de existir a citada relação. Mas, cada grupo deve ter uma relação, em dia, dos oficiais *milicianos* que, desde o tempo de paz, lhe são destinados e devem estar distribuídos pelas baterias, relação que deverá mencionar o domicilio de cada um.

Quanto aos sargentos, quer *licenciados* dos quadros permanentes, quer *milicianos*, embora devam constar dos *cadernos de chamada*, convém talvez que em cada grupo, se encontrem inscritos numa relação em que sejam igualmente indicados os seus domicílios.

Essa relação permitirá, com efeito, verificar a situação de qualquer deles mais rapidamente do que compulsando os cadernos de chamada ou as folhas de matrícula.

Convém aqui recordar a disposição do art. 457.º da lei organica, que manda promover ao posto de primeiro sargento, na ocasião da passagem do *exercito activo* para a *reserva*, os 2.ºs sargentos que tendo sido aprovados, durante a sua permanencia no 1.º escalão do exercito, em um concurso para o posto immediato, não tenham sido promovidos a este posto por falta de vacatura; e ainda as disposições dos art. 38.º (§ 4.º) e 58.º do Regulamento de promoções aos postos inferiores (1913) segundo as quais as praças aprovadas em concurso para os postos de 2.º e 1.º sargento mas não promovidas, por falta de vacatura, durante a sua permanencia no serviço efectivo, podem ser promovidas, no acto do licenciamento, para o quadro de *milicianos*.

6) *Relação nominal dos oficiais não pertencentes ao grupo que nele devem apresentar-se.*—Segundo o *registo das nomeações de mobilização* que devia existir na Secretaria da Guerra (Reg. Mob. n.º 55), esta daria conhecimento anualmente a cada Q. G. de Divisão de quais os officiaias de que a Divisão poderia dispôr para completar os quadros das unidades, no acto da mobilização e, em vista dessas indicações, o Q. G. distribuiria esses officiaias pelas unidades suas subordinadas— (Reg. Mob. n.º 40).

Em 1913, porém, iniciou-se o sistema de publicar em O. Ex. a distribuição dos officiaias não arregimentados, pelas unidades das respectivas armas e serviços, *para efeitos de convocação ordinaria ou extraordinaria*, o que, simplificando extraordinariamente o *registo de nomeações*, permite ás unidades saber constantemente quais os officiaias com que podem contar para completar os seus quadros de mobilização.

Esses officiaias devem constar, em cada grupo, duma relação anexa ao registo de matricula (Reg. Geral—4.^a Parte—art. 10.º —§ 4.º) e muito conviria que as folhas de matricula fossem entregues, desde o tempo de paz, ás unidades em que elles devem apresentar-se no acto da mobilização.

Na mesma relação serão inscritos quaisquer outros que por qualquer fórma venham a ser destinados ao grupo, onde deverão apresentar-se no acto da mobilização.

7) *Relações das praças a promover em caso de mobilização.*—Estas relações são, como atraz vimos, organizadas pelas baterias e entregues na secretaria do grupo. O comando do grupo limita-se a inscrever nas mesmas relações os destinos a dar a tais praças, quando, pela promoção, deixem de ter lugar nos quadros das proprias baterias. Quando, porém, aquele comando seja incompetente para determinar o destino a dar-lhes, como succede sempre que as praças, quando promovidas, excedam o quadro do proprio grupo, ou das secções de munições, então terá de relacioná-los, por seu turno, fazendo acompanhar dessa relação o mapa da força do grupo que tem de enviar superiormente.

8) *Relações quantitativas e nominais dos militares do grupo que devem entrar na constituição de outras unidades ou forma-*

ções.—Estas relações a que se refere o art. 35 do Reg. Mob. (3.^a Parte) e que tinham a sua razão de ser na antiga organização do exercito, pódem considerar-se hoje excepcionalmente necessarias, desde que as unidades activas mantêm constantemente os seus efectivos de mobilização, dando o devido destino aos excedentes, logo que os tenham, ou promovendo a sua transferencia imediata para outras unidades, como determina a Cir. n.º 376 de 6-4-912 da Rep. do Gabinete da Secr. G., a que já aludimos anteriormente ¹.

9) *Projecto de constituição da bateria de deposito.*—A doutrina do art. 31 do Reg. Mob. tem ainda hoje applicação, com as intuitivas correcções exigidas pelo novo sistema organico do exercito.

Nesse artigo se estatue a maneira de constituir as unidades de deposito (companhias, esquadrões ou baterias) e se determina que tal constituição se ache prevista desde o tempo de paz, devendo estar sempre organizada uma relação nominal dos quadros que hão de formar o nucleo de tais unidades.

Esses quadros que, segundo o disposto no mesmo artigo, são: um subalterno, dois segundos sargentos e dois cabos, devem ser abatidos, embora o regulamento o não determine expressamente, ao efectivo mobilizavel do grupo activo, mencionando-se em separado no mapa da força, com a indicação do destino que se lhes prevê, ou aumentados ao efectivo a mobilizar, com a mesma indicação elucidativa.

10) *Relações dos alojamentos a ocupar pelas diferentes baterias e dos artigos nelas necessarios.*—Não podendo os quartéis permanentes comportar, por via de regra, os efectivos completos de mobilização das unidades, torna-se indispensavel prever, desde o tempo de paz, a maneira de alojar, nas proximidades daqueles quartéis, as forças mobilizadas que excedam a sua lotação.

Tem ainda hoje inteira applicação o que, a tal respeito, se acha disposto no art. 33.º do Reg. Mob.

E a proposito diremos que nos parecia de toda a conve-

¹ V. Rev. Mil. n.º 9 de 1915.—Pag. 582.

niencia que, em futuras escolas de repetição se ensaiasse o sistema, pondo em pratica as previsões anteriormente delineadas, e interessando no caso as autoridades administrativas, infelizmente, tão alheadas, na sua maioria, das questões que dizem respeito á execução das requisições militares em que a sua acção é imprescindivel.

11) *Projecto de medidas a adoptar para garantir a alimentação e regime interno das baterias.*—A este projecto, que na parte relativa á alimentação exige o reconhecimento dos recursos locais e outros estudos de previsão que devem ser incumbidos aos officiaes provisosores, a este projecto, diziamos, se refere o art. 34.º do Reg. Mob., hoje, como sempre, inteiramente applicavel.

A experiencia anual das escolas de repetição, contribuindo para aperfeiçoar e melhor adaptar a cada unidade as disposições do Reg. Instr. (art. 30.º e 31.º) primitivamente publicadas no *Diario de uma E. Rep.* distribuido em 1912 pela Secr. da Guerra, facilitará sobremaneira a elaboração do projecto a que nos referimos.

12) *Relações dos solipedes a receber e a transferir.*—Além dos solipedes *a receber* no acto da mobilização, outros pode haver *a transferir* de uns para outros grupos, conforme a distribuição a que se refere o art. 90.º do Reg. Mob.

Uns e outros devem constar de relações que permitam, no momento oportuno, efectuar esses movimentos sem hesitação nem demora, como é previsto tambem no art. 124.º do Reg. de requisições de 1913.

13) *Relações dos alojamentos para solipedes e dos objectos neles necessarios.*

e

14) *Projecto de medidas para garantir a alimentação e mais tratamento dos solipedes.*—A estas relações e projecto se refere o art. 89.º do Reg. Mob.; e tratando-se de assuntos inteiramente analogos áqueles a que dizem respeito, para o pes-

soal, os n.^{os} 10 e 11), nada temos a acrescentar ao que a proposito destes deixámos dito e que aos relativos aos solipedes é identicamente applicavel.

O n.^o 122.^o do citado Reg. Req. corrobora implicitamente a necessidade dos documentos 13 e 14).

15) *Relação dos officiais e praças que hão de constituir as commissões de requisição e os destacamentos de recepção de animais e veículos.*—Tudo quanto se refere á mobilização dos animais e veículos requisitaveis se encontra hoje compendiado nos art. 117.^o a 141.^o do Reg. Req. publicado em 1913, já em harmonia com as disposições da nova lei organica do exercito.

Nesses artigos, com efeito, se compreendem todas as disposições relativas á *preparação e á execução das requisições* de animais e veículos, e, entre eles, o art. 125.^o alude á constituição das *comissões de requisição e destacamentos de recepção*, a prevêr desde o tempo de paz, reproduzindo quasi inteiramente a doutrina do art. 91.^o do Reg. Mob. que ao mesmo assunto se referia.

16) *Mapas do material mobilizavel.*—Tomando para base os mapas (^m/19-B) do material mobilizavel das baterias, organizam-se no grupo os mapas ^m/19-A do Reg. Mob., que devem ser escriturados em duplicado e estar sempre em dia (art. 127.^o do Reg. Mob.)

Os originaes dos mapas referidos a 31 de dezembro, depois de cobertos a tinta os numeros que representam as existencias, em carga, de material mobilizavel, são enviados ao Q. G. de que depende o grupo.

Sobre a maneira de os escriturar, sendo absolutamente identica á que indicámos para os mapas das baterias (^m/19-B), inutil se torna insistir de novo nas recommendações então feitas.

17) *Carga do material não mobilizavel.*—Não reproduziremos aqui o que dissémos a respeito de identica carga das baterias e que ao grupo tem completa applicação.

18) *Distribuição do material a receber.*—Os depositos ge-

rais de material formulam os mapas do material a entregar ás unidades para completar as suas dotações de mobilização, quer estas sejam as regulamentares, quer outras previamente fixadas pelo E. M. do Ex. (Reg. Mob. 128). E' em presença desses mapas que os comandos dos grupos prevêem a distribuição, desse material a receber, pelas diversas baterias, em harmonia com as faltas manifestadas por estas nos seus mapas^m/19-B.

19) *Memorandum de mobilização.*—O *memorandum* a que se referem os n.^{os} 39, 92 e 132 do Reg. Mob., indicará sumariamente as operações a realizar no grupo, em cada um dos dias de mobilização, para mobilizar o seu pessoal, animal e material.

E' o ultimo documento a elaborar pelo comando do grupo e que, reunido a todos os mais a que acabamos de referir-nos, constitue, com estes, o *plano de mobilização* que anualmente deve ser organizado em cada grupo.

20) *Livros e registos de mobilização.*—Desde que o grupo tem administração autonoma, deve possuir os livros e registos para a sua escrituração, constantes da 3.^a parte do Q. n.^o 358 do Reg. Mob.—2.^a Parte, parte dos quais, segundo o art. 140.^o do mesmo Regulamento, devem existir desde o tempo de paz, adquirindo-se os restantes na ocasião da mobilização para começarem a ser escriturados como determina o art. 210.^o

21) *Impressos de mobilização.*—Constam do Q. n.^o 362 do Reg. Mob. (2.^a Parte) os *impressos* que devem fazer parte do arquivo de mobilização do grupo.

As *facturas, certificados e cadernos de vales* são respectivamente, dos modelos XVII, XV, e XVI das Instr. Subs. (R S C.—2.^a Parte).

Quanto ao numero de impressos que deve constituir a dotação do grupo, não o fixa o regulamento. Compete ao comandante do grupo determina-lo, em vista do consumo provavel de cada um deles.

Quadro II

Mobilização do grupo de bateria de campanha

DOCUMENTOS	Referencia			Data	Destino
	Regulamento	Art.	Mod. (a)		
Pessoal :					
1) Mapa da força do grupo.....	Reg. geral 4. ^a parte	22. ^o	27. ^o	Diario 31 de dezembro	Secr. do grupo Q. G. da Div. 1 na secr. ^a
2) Cadernos de chamada.....	Reg. geral 4. ^a parte 6. ^a parte	15. ^o 60. ^o	23 23	Em dia	1 na adm. do conc. ^o ou bairro.
3) Relação dos licenciados dispensados de se apresentar imediatamente.....	Reg. mob.	12	—	Idem	Na secr. do grup.
4) Relação dos militares ausentes.....	Idem	13	—	Idem	Idem
5) Relações nominais dos oficiais e sargentos licenciados ou milicianos.....	Idem	14	3	Idem	Idem
6) Relação nominal dos oficiais não pertencentes ao grupo, que nele devem apresentar-se.....	Idem	40	—	Idem	Idem
7) Relações das praças a promover, em caso de mobilização.....	Idem	30	—	31 de dezembro	A devol. ás bat.
8) Relações quantitativas e nominais dos militares do grupo que devem entrar na constituição de outras unidades ou formações.....	Idem	35	—	(d)	Na secr. do gr.
9) Projecto de constituição da bateria de deposito..	Idem	31	—	Em dia	Idem
10) Relações dos alojamentos a ocupar pelas diferentes baterias e dos artigos neles necessários.....	Idem	33	7-A e B	Idem	Idem
11) Projecto de medidas a adoptar para garantir a alimentação e regime interno das baterias.....	Idem	34	—	Idem	Idem
Animal :					
1) Mapa da força do grupo.....	Reg. geral 4. ^a parte	22. ^o	27	Diario 31 de dezembro	Na secr. do gr. Q. G. da Div.
12) Relações dos solípedes a receber e a transferir....	Reg. mob.	90	—	(d)	Na secr. do gr.
13) Relações dos alojamentos para solípedes e dos objectos neles necessários.....	Idem	89	—	Em dia	Idem
14) Projecto de medidas para garantir a alimentação e mais tratamento dos solípedes.....	Idem	89	—	Idem	Idem
15) Relação dos oficiais e praças que hão de constituir as comissões de requisição e os destacamentos de recepção de animais e veículos.....	Idem	91	—	Idem	Idem
Material :					
16) Mapa do material mobilizavel e do necessario para a mobilização.....	Idem	127	19-A	31 de dezembro	Q. G. de Div.
17) Carga do material não mobilizavel, que deve passar á bateria de deposito.....	Idem	126	—	Em dia	Na secr. do gr.
18) Distribuição de material a receber.....	Idem	128	—	(e)	Idem
Arquivo :					
19) Memorandum de mobilização.....	Idem	39, 92, 132	22	(f)	Secr. do grupo.
20) Livros e registos de mobilização.....	Idem	140 e 210	(b)	—	Fazem parte do
21) Colecção de impressos.....	Idem	37, 92 e 131	(C)	—	arquivo da mobiliz. do grupo

- a) Os documentos cujos modelos não vão indicados não tem modelo regulamentar. São relações simples.
b) Conforme o Q.^o n.^o 338 da 2.^a parte do Reg. Mob.
c) Conforme o Q.^o n.^o 362 idem.
d) Escriturado segundo as indicações recebidas do Q. G. da Divisão.
e) A escriturar em harmonia com os mapas recebidos dos depositos de material.
f) Ultimo documento a organizar.

Tais são os documentos cuja elaboração e arrumação constitue a preparação da mobilização do grupo de baterias e das unidades activa suas similares, parecendo-nos dispensaveis, como regra, todos os mais que, na vigencia da antiga organização do exercito, eram exigidos pela 3.^a Parte do Reg. Mob.¹.

Dezembro de 1915.

LUIZ A. F. MARTINS
Cap.

¹ Tinhamos já escrito este artigo quando foi publicada a nova 3.^a Parte do Reg. Mob. que vem substituir a de 1907.

Elaborado no Estado Maior do Exercito durante o tempo em que estive-mos fóra do Serviço do Estado Maior, desconheciamos por completo esse trabalho que, por falta de tempo, não pudémos ainda lêr com a devida atenção.

Um rapido golpe de vista sobre ele deu-nos, todavia, a impressão de que, embora adaptado á nova organização, não lhe foram introduzidas todas as simplificações que, a nosso vêr, seriam permitidas pelas actuais condições organicas do exercito da Republica.

Rectificações ao artigo antecedente (Setembro 1915)

Na pag. 578 linha 4.^a, deve lêr-se *quer nos trabalhos preparatorios...* em vez de *quem nos trabalhos preparatorios...*

Na pag. 580, linha 4.^a inferior, onde se lê *ás simples unidades activas* deve lêr-se *ás similares* unidades activas.

Na pag. 584, linha 4.^a da Nota 1, onde se lê *coesão muito maior...* leia-se *coesão tanto maior...*

Na pag. 586, linha 29.^a, leia-se *que a bateria tiver de receber* em vez de *que a bateria teria de receber...*

Na pag. 587, linha 1.^a, onde se lê *mobilizado* deve lêr-se *mobilizavel*.

A campanha de Timor de 1912

Tendo-se dado o primeiro acto da revolta em 24 de dezembro de 1911 pelo assassinato da guarnição europeia de Sama (Manufahi), começaram imediatamente em movimento as tropas que então eram em numero reduzidissimo. Ao tempo a guarnição de 1.^a linha era, em toda a provincia, uma companhia indigena de infantaria (soldados africanos) com o efectivo de oitenta e tantas praças, incluindo os graduados, e uma secção europeia d'artilharia.

Havia sintomas de revolta em toda a ilha e principalmente na parte oeste onde alastrava rapidamente. Déram-se ordens de concentração que eram cumpridas morosamente; deram-se instruções que nem sempre podiam ser cumpridas pelo alastramento rapido da revolta e porque muitas vezes chegavam atrazadissimas pelo córte que os rebeldes fizeram nas linhas telefonicas, isolando assim quasi completamente os pequenos nucleos de força que constituíam as guarnições dos comandos no interior da ilha.

Era gravissima a situação da provincia e defícilima uma sequencia d'ordens tendentes a organizar forças ou a opôr um dique á expansão da revolta, porque as noticias que se recebiam a miudo eram desencontradas e os seguros eram escasos e tardios, além do que as forças eram pouquissimas e em situação difícil pelo seu isolamento, falta de viveres e mesmo mau municiamiento.

Feriram-se as primeiras lutas, alguns postos foram abandonados pelas nossas tropas e a revolta atingiu tal incremento e gravidade que no dia 5 de Janeiro saíu de Dilly, capital da provincia, uma pequena columna constituída por todos os elementos disponiveis em direcção a Ailen, posto situado a uns 25^{km} de Dilly constantemente atacado pelos rebeldes e para além do qual a região estava em poder dos rebeldes. A cidade ficava assim confiada quasi só á guarda dos seus ha-

bitantes europeus pois havia já motivos para supôr que as tropas de 2.^a linha, indigenas timorenses, estavam tambem comprometidas na revolta.

Mas o avanço desta columna indo reforçar o primeiro posto importante fóra da cidade e aproximando-se mais das outras forças defendia tambem a cidade e melhor que conservando-se inactiva dentro dela.

Era intento do Governador, comandante da columna, avançar até onde pudesse e estabelecer ai uma base de operações.

A pequena columna avançou até ás montanhas de Aituto proximo de Maubisse. No dia 8 de Janeiro foi atacada com toda a violencia na encosta de Aituto, tendo-se os rebeldes apoderado duma peça de campanha; e, não havendo possibilidade da columna se sustentar em Maubisse pela falta de tropas que assegurassem as comunicações entre Ailen e este ponto, retirou para Ailen.

Os rebeldes, encorajados por esta retirada, atacaram em grande numero o posto de Ailên e fôram repelidos. Mas eles não desistiam do seu intento; atacáram varias vezes, algumas com violencia, o posto e nas sortidas que se faziam havia sempre escaramuças que lhes causavam baixas importantes.

A força do comando de Hato-Lia operava com bons resultados entre Hato-Lia e Erméra e depois deste posto ter sido reocupado, havendo portanto um melhoramento de situação, o quartel general deu ordem para o grosso dessa força recolher a Ailen afim de, conjuntamente com as forças que aqui estavam, operarem contra os rebeldes das regiões proximas do posto afim de os afastar para fóra das proximidades da cidade, para que os seus habitantes se sentissem mais desafogados e animosos.

Realizada esta junção e ficando o posto de Ailen devidamente guarnecido para qualquer eventualidade, marchou o grosso da columna para Marnucate e Lequedoc onde atacou os rebeldes completamente senhores de toda a região. A columna foi atacada no primeiro dia de marcha; perante o avanço e ataque das nossas forças, eles viram-se forçados a recolher ás suas povoações e cavernas para uma resistencia mais segura. Apesar da resistencia dos rebeldes, as nossas operações alcançaram o efeito desejado, pois os rebeldes foram batidos com grandes baixas, e de que realmente resultou uma situa-

ção bastante mais desafogada. Depois disto a columna recolheu a Ailen.

A falta de pessoal era tão grande, apesar da junção das duas forças ter constituído um nucleo muito mais importante, que nem havia numero de graduados para organizar serviços indispensaveis. Alguns graduados acumulavam outras funções com o serviço diario de reconhecimentos e combates. O quartel general que até ali era composto por dois officiaes tinha ficado reduzido a um pela morte do chefe do Estado Maior no combate de Xinai nas operações de Manucate e Lequedoc.

Foi nomeado interinamente outro que desempenhou este cargo até ao fim da campanha.

Começaram depois chegando os reforços que se tinham pedido para a metropole. Veio a canhoneira «Patria» cuja presença no posto de Dilly era duma importancia real, a companhia europeia de infantaria da India com o efectivo de 70 praças e 3 officiaes e por fim, em 15 de Fevereiro, a 8.^a companhia indigena de infantaria de Moçambique com 180 praças e 6 officiaes. Tinha tambem vindo uma metralhadora e uma peça de campanha.

A canhoneira «Patria» ficou fazendo o serviço da guarda da cidade e as companhias de infantaria marcharam para o teatro das operações.

A companhia europeia da India embarcou para Manatuto, porto na costa norte da ilha, donde devia ir avançando para o sul batendo todas as regiões rebeldes até ao objectivo principal que era Manufahi.

A 8.^a companhia de Moçambique marchou para Ailen a juntar-se ao quartel general. O objectivo principal desta columna era bater toda a região montanhosa até chegar a Manufahi.

E' claro que, não se podendo formar planos com antecedencia pois as operações estavam por assim dizer no seu começo e as forças eram ainda reduzidissimas para a vastidão da região revoltada, a maneira de executar o plano geral era variavel e não se podia prever bem porque as circunstancias mudavam constantemente. Ir-se-ia executando conforme as circunstancias de occasião indicassem.

O meu intento é num resumo dar uma ideia da campanha pondo em destaque as duas principais acções—tomada da montanha Cablac por assalto e de Riac por cerco e assaltos—e descrever o seu fecho pela acção conjunta de todas as forças na tomada de Leo-Saco. Creio que assim conseguirei o meu intento, pois mais ou menos os detalhes de todos os combates e acções da campanha entram nestas operações parciais.

Em 21 de Fevereiro os nucleos de maior força estavam assim distribuidos:

- Columna do quartel general em Ailen—13 oficiais, 34 praças europeias, 160 praças africanas, 6 voluntarios europeus, 375 homens indigenas de 2.^a linha e 2300 auxiliares;
- Grupo leste em Manatuto—companhia europeia da India com 5 oficiais e 67 praças, 2 voluntarios europeus, 41 homens de 2.^a linha e 1800 auxiliares;
- Fronteira—em Batugadé: 1.^o oficial e 14 praças de 1.^a linha e 111 homens de 2.^a linha;
- Guarnição de Bobonaro—1 oficial e 47 praças de 1.^a linha, 229 homens de 2.^a linha e 2000 auxiliares;
- Guarnição da Hato-Lia—1 oficial, 19 praças de 1.^a linha e 139 homens de 2.^a linha;
- Guarnição de Dilly—canhoneira «Patria», 1 oficial e 50 praças de 1.^a linha da 8.^a companhia indigena de Moçambique e alguns homens de 2.^a linha;
- Guarnição da Erméra: o sargento comandante do posto com a respectiva guarnição reforçada com alguns europeus e homens de 2.^a linha.

Além destas forças havia nas sédes dos comandos de Manatuto e Bancau umas pequenas guarnições sob o comando dos oficiais seus encarregados. E eram destes comandos que saíam os homens de 2.^a linha que figuravam nos diferentes nucleos de forças.

Em 22 de Fevereiro marchou de Ailen para Maubissen afim de reocupar este posto militar a columna do quartel general composta de 11 oficiais (incluindo 2 medicos) 31 praças europeias e 130 praças africanas de 1.^a linha, 2 voluntarios

européus, 310 homens de 2.^a linha e 1800 auxiliares. Em Ailen ficaram 2 oficiais d'infantaria, 33 praças de 1.^a linha, 4 voluntarios, 65 homens de 2.^a linha e 500 auxiliares.

A marcha foi feita debaixo de chuva intermitente e meuda. A's 2 horas da tarde as forças entraram no posto de Maubisse, completamente destruido pelos rebeldes e que estava abandonado por eles não tendo havido a menor resistencia. Depois das 3 horas da tarde começaram a cair quasi constantemente grossas bategas d'agua não havendo tempo senão para construir uns ligeiros abrigos para pessoal e material.

Com este avanço ficou o centro da região penetrada por uma força importante; em volta do morro de Maubisse nas montanhas que o circundavam agruparam-se os rebeldes dia e noite de vigia a esta força.

Por este tempo o grupo de forças de leste marchava em direcção a Soibada com o fim de ocupar a região e procurar estabelecer contacto com a columna do quartel general através da região de Turiscae. As guarnições dos portos da Erméra, Hato-Lia e Bobonaro defendiam estes postos e procuravam por meio de rondas conservar entre si o contacto. Em Balibó estavam aquarteladas as tropas que defendiam aos rebeldes a passagem para o territorio hollandês.

Em 24 de Fevereiro os rebeldes em grande numero atacaram com violencia o posto do Suro, confiado a uma pequena guarnição e ao povo indígena daquela região que se tinha collocado ao nosso lado. Foram repellidos.

Até 10 de Março as forças passaram o tempo em serviços de exploração e reconhecimentos que por vezes fôram serviços bastante dificeis por causa dos grandes temporais, os quais obrigavam em alguns pontos a estarem as forças paralisadas. Em todos estes reconhecimentos as nossas forças se punham em contacto com os rebeldes aos quais causavam muitos prejuizos tanto em baixas como em apreensões de gado e comestiveis. Estes serviços duravam de sol a sol tendo algumas vezes a noite caído com as tropas em marcha.

O reconhecimento que se fez em 28 e 29 á região do Suro foi o mais difficil de todos. Em 29 na marcha de regresso a Maubisse e a 1^{km} da povoação de Tetere onde as tropas durante a noite tinham acampado, os rebeldes atacaram a pequena columna de surpresa e com tão extraordinaria violen-

cia que foi difficil repelil'os afim de se poder proseguir na marcha; mesmo depois de repelidos os rebeldes seguiram a distancia o pequeno destacamento até muito proximo de Maubisse. Neste combate sofremos uma perda importante — a morte do Padre Manuel Alves Ferreira que, como comandante dos auxiliares de Maubara, nos prestava um valioso auxilio.

A situação nos outros pontos era quasi a mesma. O grupo de leste operava contra Bibiçuço e Samoro e guardava as balisas de Turiscae e Caimanc. A linha telefonica que se estava montando de Hato-Lia para Atsabe foi cortada pelos rebeldes. O reino de Atabai declarou-se ostensivamente rebelde e teve de ser batido pelas forças de Batugadé (fronteira).

Um dos meus intentos ao escrever esta especie de resumido relatorio é mostrar a diferença de tactica usada pelos povos selvagens da ilha de Timor da usada pelos povos africanos das nossas colonias. Apresenta ella factos que são sintomas duma intelligencia superior á dos africanos—o aproveitamento que tiram das condições naturais do terreno e dos seus abrigos e a sua organização de defeza e ainda como mais adiante veremos o aproveitamento de cartuchos das armas dum calibre para as dum calibre superior.

Não encontramos até hoje escrito em livros, tanto nossos como estrangeiros, qualquer descrição ou extrato de relatorio sobre campanhas coloniais que apresente os caracteres tacticos revelados por esta campanha de oito meses.

Um destes caracteres é a extrema mobilidade dos indigenas o que obrigava as nossas forças a uma vigilancia constante e extenuante. Movendo-se em ordem dispersa com uma grande prudencia e extraordinaria rapidez, o seu perfeito conhecimento do terreno e vista aguda de selvagem, permitiam-lhes conservarem entre si uma forte ligação que nem nas occasiões de panico perdiam; tambem isto lhes facilitava juntarem-se rapidamente num ponto cujo ataque ou defeza exigia de improviso maior concentração.

Os vigias sentados nos cabeços dos montes e ás vezes nos extremos dos penedos mais talhados de arestas aparentando uma certa indiferença e desprendimento de espirito, mas observando e perscrutando bem as intenções do inimigo deixavam aproximar este a uma pequena distancia para na ocasião precisamente oportuna fazerem as suas evoluções, retirando com

toda a ligeireza em face dum perigo iminente ou lançando-se com toda a audacia numa luta corpo a corpo que eles tinham preparado escondendo-se um ou mais grupos em sitios proximos e aos quais indicavam o momento preciso do ataque. Agachando-se e amassando-se uns contra os outros escondiam-se bem num sitio onde não era de supôr que estivesse um tal numero de homens. Se retiravam em face dum perigo, rapidamente alcançavam outro ponto mais seguro para protegerem a retirada doutros, para prepararem um contra-ataque ou simplesmente se conservarem num sitio onde sabiam não ser atacados com exito.

E esta extrema mobilidade dos indigenas em ordem dispersa aproveitamol-a nós para o nosso serviço de exploração, pois eles sabendo-se apoiados por forças de 1.^a linha eram ferteis em estratagemas e muito mais corajosos. Tropas europeias não podiam desempenhar este serviço de exploração com tão bons resultados nem com o desafogo com que os nossos auxiliares e tropas de 2.^a linha o desempenharam.

As constantes rondas e serviços de exploração causaram imensos prejuisos aos rebeldes quer em baixas quer em apreensões de gado e viveres que os nossos auxiliares lhes faziam. É assim os rebeldes viram-se forçados a concentrar-se nas cavernas e regiões pedregosas para a sua defesa e melhor segurança, o que a nós facilitou tambem os ataques de mais valôr decisivo.

Um dos pontos de forte concentração dos rebeldes — a região montanhosa de Tuman e Fatu-Besse, coberta de penedos e rochas e cheias de cavernas — tornou-se o objectivo das forças acampadas em Maubisse, porque se esperava que tomados estes pontos e batidas estas regiões a parte oriental do comando de Ailen ficasse pacificada, o que efectivamente succedeu.

Deliberou pois o Governador ir bater por meio de cerco a região de Fatu-Besse e Tuman para o que saíu em 11 de Março uma parte da columna de Maubisse.

A este tempo já o posto do Suro estava guarnecido com uma força de confiança de 1 oficial e 50 praças de 1.^a linha, 2 voluntarios e 107 praças de 2.^a linha. Esta força e as que tinham ficado em Maubisse entretinham os rebeldes da região ocidental do comando de Ailen, as do Grupo leste apro-

ximavam-se de Samóro e Turiscae para manter em cheque os rebeldes destas regiões, e uma parte da guarnição de Ailen formando um destacamento que designei por A sob o comando dum capitão ia postar-se em sitio proprio para evitar a fuga das cavernas aos rebeldes para a região de Caimane. As outras forças não tinham sofrido variação sensivel.

Este cerco durou de 11 a 29 de Março, tendo sido batida e explorada toda aquela região, e teve como consequencia a pacificação de todo aquele lado do comando, pois alguns povos que estavam comprometidos e indecisos na sua atitude de revolta se declaráram mais francamente por nosso lado e o reino de Turiscae quasi imediatamente se declarou submisso pela apresentação dos seus chefes. Estava portanto a parte oriental da ilha nas nossas mãos.

Em 27 de Março as operações contra o reino de Atabai estavam terminadas.

Nesta ocasião em que a situação estava realmente mais desafogada e se via os avanços feitos coroados de bom resultado surgiu a revolta de Okusse que obrigou a uma importante divisão e afastamento de forças.

O limitadissimo numero de tropas de 1.^a linha, pois ainda não tinha chegado os reforços pedidos para a metropole nem noticias deles havia, e o pessimo tempo que desde o começo das operações incomodava as tropas faria com que os avanços se fizessem com morosidade pela necessidade absoluta que havia de poupar as tropas de 1.^a linha tanto quanto as circunstancias o permitiam, pois eram elas as unicas forças de confiança.

Para melhor se avaliar das dificuldades nas operações transcrevo o seguinte periodo dumas instruções dadas pelo quartel general em 11 de Abril ao comandante do Grupo leste sobre a execução dum movimento combinado com outro do destacamento A: «Como as forças são pouco numerosas esta marcha póde ser prejudicada ou retardada pelos problemas locais que surgem a cada momento e que por assim dizer a nossa ofensiva vae arrancando do segredo em que os envolve a falta de informações concretas e tambem o facto de que os rebeldes nas primeiras fases andam largamente dispersos concentrando-se sómente depois de sacudidos e rechaçados». (sic)

A revolta de Okusse obrigou a retirada da guarnição do

posto em Ponta Macassar em 22 de Março, que foi por mar para Batugadé. Em 26 destacou das forças do quartel general um pelotão de 42 praças da 8.^a companhia indigena de infantaria sob o comando dum tenente; este pelotão reunido á guarnição do posto e a mais 30 homens de 2.^a linha desembarcou em 29 auxiliado pela canhoneira *Patria*, que do mar bombardeou o posto e povoação e não tendo podido as forças estabelecer-se na praia recolhera á canhoneira. Em 30 fez-se novo desembarque tendo a canhoneira dado alguns tiros de peça e feito alguma fuzilaria; ficou concluído um entrincheiramento aproveitando-se o posto onde as forças se estabeleceram definitivamente ficando a defender o posto e esperando ocasião para as operações de Okusse.

Com a saída do destacamento para Okusse, ficaram reduzidas as forças da colúna principal a 9 oficiais e 116 praças de 1.^a linha (inf.^a, art.^a e serviço de saúde) 289 homens de 2.^a linha e 1200 auxiliares.

Sendo necessario proseguir nas operações saíu no dia 2 de Abril uma força de 60 praças de 1.^a linha (inf.^a, art.^a e pessoal de saúde) com 3 oficiais e 120 homens de 2.^a linha e 1000 auxiliares para o alto de Ailóra nas montanhas de Aituto afim de ocupar estas montanhas e bater os rebeldes refugiados nas suas cavernas.

Logo que as cavernas da vertente oriental de Aituto foram batidas e fechadas pelo cêrco e outros rebeldes refugiados em Dérai na vertente sul Laquecos se entregaram, Maubisse ficou desempenhando a função de posto de étape e a força de 1.^a linha que ali se achava (2 oficiais e 47 praças) e 93 homens de 2.^a linha foi estabelecer-se em Bela-Hito afim de guardar a mata Manuméra e ligar definitivamente as forças do Suro com as do Quartel General.

Foram tambem batidas e tomadas por meio de cêrco de 18 dias as pedras e cavernas de Loco-Tete na vertente sul de Aituto.

A este tempo o destacamento A, depois da batida a região de Fatu-Basse e Tumau e da apresentação do reino de Turiscae, tinha avançado pelo sul das montanhas de Aituto batendo esta região (Maulau, Maubesse e Tutuluro).

As operações de Aituto que foram os cêrcos as pedras de Cartulo, Derai, Urai e Laco-Tete, pacificação da região de La-

quecos, batida á região de Maulau e Maubesse terminaram em 20 de Maio e tiveram como consequencia a pacificação da parte ocidental do comando militar de Aileu.

No principio de Maio a 9.^a companhia expedicionaria de infantaria indigena de Moçambique chegou a Timôr e foi para o Suro tendo causado um efeito moral na região por onde passou acabando de vez com as indecisões dos indigenas da Ermera e Tearllo. Esta companhia juntamente com as forças que já estavam no Suro e com parte dos de Bobonaro constituiu o Grupo de Oeste e o seu primeiro serviço fôï bater as pedras de Laite.

O grupo leste, ligado com o quartel general, por intermedio do destacamento A avançava para a região de Manufahi.

E' de notar nestes ataques ás partes mais altas das montanhas, onde os rebeldes se refugiavam nas cavernas, a maneira como eles defendiam essas cavernas já por sua natureza fortes. Essas cavernas eram cheias de frestas que eles aproveitavam como seteiras e as suas entradas eram marcadas por muros de pedra e terra quando na sua frente não havia mascaras naturais, arvores, arbustos, etc. Outras vezes no cimo dessas cavernas e nos bicos dos montes havia fortes muros encobrando e fortificando uma povoação, sempre com as entradas mascaradas e defendidas por muros de gola. Eram verdadeiras obras de fortificação e esta organização já de valor fica ainda muito inferior á que eles arranjam nos seus ultimos reductos, como dentro em pouco veremos.

Tomada da montanha Cablac

Depois de todas estas operações os rebeldes rechaçados das suas posições nas montanhas de Aituto e Laquecos concentraram-se na grande montanha do Cablac (pico mais alto 2350^m de altitude) que formava um escudo ás forças da colúna principal encobrando a região de Manufahi, objectivo principal de todas as forças. Com esta concentração tinham os rebeldes em mira defenderem-nos a passagem do desfiladeiro de Oló-Rua entre as montanhas de Leo-Lau e Cablac que dava acesso da região de Manufahi para o vale da Bé-Luli.

Em 21 de Maio seguiu a colúna de Ailóra para Oló-Rua acampando á entrada deste desfiladeiro num pequeno morro chamado Lesse-Hate ficando-lhe na frente a escarpadissima encosta, uma especie de parede de grande montanha. O ataque á montanha devia ser difficil pela natureza do terreno, favoravel só aos rebeldes, pelo numero de tropas diponiveis e ainda pelo receio que os nossos auxiliares e tropas de 2.^a linha mostravam em se atrever a uma tal empreza. Devido a este receio muitos auxiliares desertaram da nossa colúna para as suas terras.

O destacamento que tinha saído da colúna principal para Okusse tinha já regressado por ter sido substituido por outro da 9.^a companhia.

Em 22 de Maio a composição e situação das forças era a seguinte

Forças operando directamente
contra Cablac

Colúna do Q.^{el} Gen.^{al} em Less-Hate = 7 officiais, 21 praças europeias e 90 praças africanas de 1.^a linha ¹, voluntario, 196 homens de 2.^a linha e 1000 auxiliares, dos quais 200 acampavam num morro situado em Tutuluro á saída do desfiladeiro; este grupo de 200 auxiliares de Maulau e Dailor nunca nos tinha inspirado confiança;

Destacamento B em Maissú (tinha descido de Bela-Hito em 19 de Maio) = 2 officiais, 47 praças de 1.^a linha ², 93 homens de 2.^a linha e 300 auxiliares;

Destacamento A a 5^{km} de Leurai á saída do desfiladeiro de Oló-Rua guardando as encostas da Cablac = 1 official, 41 praças de 1.^a linha ³, 1 voluntario, 21 homens de 2.^a linha e 1000 auxiliares;

— *Grupo leste* em Leurai com um posto de auxiliares em Fnan batendo a região de Manufahi = 6 officiais, 77 praças de 1.^a linha (comp.^a europeia da India) 1 voluntario 77 homens de 2.^a linha e 2957 auxiliares;

— *Grupo oeste* em Suro, com ordem para penetrar em Manufahi por Leo-Lima e ocupar Raimeia = 5 officiais,

¹ As praças de infantaria eram da 8.^a comp.^a de Moçambique.

² Idem e os officiais eram da 8.^a comp.^a de Moçambique.

³ Idem, idem eram da comp.^a de infantaria de Timor.

187 praças de 1.^a linha (da 9.^a e 8.^a companhias de Moçambique) 2 voluntarios, 210 homens de 2.^a linha e 2500 auxiliares;

— *Guarnição de Batugadé* em Balibó e Batugadé, defendendo por meio de rodas e postos em Olura e Mêmo a passagem para o territorio holandês — 2 officiais, 14 praças de 1.^a linha (da comp.^a de inf.^a de Timor) e 111 homens de 2.^a linha;

— *Guarnição de Bobonaro* guarnecendo o posto e vigiando os caminhos da fronteira — 1 official, 47 praças de 1.^a linha (da comp.^a inf.^a de Timor), 142 homens de 2.^a linha e 1000 auxiliares.

Em 22 de Maio começou-se preparando o ataque á Cablac e tendo ido o Governador a Maissú ao destacamento B ordenou que este mudasse o seu acampamento para Leotelo, ponto mais proximo da montanha e donde mais facilmente auxiliaria os ataques da colúna principal á montanha.

Em 23 as operações estiveram paralisadas por causa do mau tempo.

Em 24 fez-se um reconhecimento na encosta. O Diario de Campanha regista o estado atmosferico do tempo dando de dia o ceu encoberto e nevoeiros muito densos, á noite ceu limpo.

Em 25 paralisadas as operações por causa do nevoeiro den-sissimo e alguma chuva; á noite ceu limpo.

Em 26 procedeu-se a um assalto á montanha iniciado ás 7 horas a. m. Ficáram feridos 19 homens e mortos 2.

A's 4 $\frac{1}{2}$ horas p. m. os auxiliares e tropas de 2.^a linha de-bandaram, tendo um official empregado grande esforço para a fuga não ser desordenada. Dois officiais, um sargento e alguns africanos sustentáram o fogo e aproveitaram a caída do denso nevoeiro para retirarem.

A' retaguarda a força de 1.^a linha que constituia a reserva formou a coberto dum muro sob a proteção da qual se reuniram os auxiliares e tropas de 2.^a linha e ao anoitecer retiráram as tropas atacantes para o acampamento.

Este assalto não poude ser coadjuvado pela artilharia do acampamento por causa do denso nevoeiro que envolvia as tropas assaltantes e as posições dos rebeldes. Durante a noite

o ceu apresentou-se limpo e tendo-se os rebeldes juntado numa saliencia da montanha a cantar victoria pelos trofeus dos 2 mortos cujos cadaveres fôra impossivel trazer fizeram-se alguns tiros de peça que certamente caíram no meio deles dispersando-os e obrigando a calar as suas algazarras.

O numero de rebeldes concentrados no Cablac, era desconhecido; nem mesmo tinhamos dado para o avaliar, mas supunhamos que devia ser grande.

As suas posições eram fortissimas. Eram da mesma força que as que tinhamos encontrado nas outras montanhas cheias de cavernas e penedos, aumentando ainda essa força o declive rapido das encostas, em muitos sitios a pique, cobertas de pedras cheias de arestas que os rebeldes despejavam do alto sobre nós e que rolavam com grande estrondo pelas encostas abaixo.

O tempo preludicava-nos imenso e o desanimo nas tropas de 2.^a linha e auxiliares era manifesto.

No entanto a necessidade da tomada da montanha impunha-se porque, abandonando-a aos rebeldes e avançando pelo lado esquerdo do desfiladeiro para a região de Manufahi, deixávamos á retaguarda aquele coito de rebeldes e seria necessario empregar maior numero de forças para a guarda do desfiladeiro e escolta de comboios de viveres e material. Além do que, batidos os rebeldes em Manufahi, eles concentrar-se-iam depois na mesma montanha que se tornaria de muito mais difficil ataque; daqui podiam-se dispersar pelas regiões já batidas e pacificadas o que nos acarretaria grandes dificuldades.

E era de prevêr que levada a efeito a tomada da montanha, que os rebeldes consideravam sagrada e, com razão, inexpugnavel, o efeito moral tanto nas nossas tropas como nos rebeldes seria grande, tornando os primeiros mais animosos para os combates contra os ultimos reductos e levando aos segundos o desanimo. Por todos os motivos se tornava necessario novo assalto com o resultado desejado e por isso o comandante em chefe das forças logo no dia seguinte, apresentando-se o tempo limpo, ordenou novo assalto.

Em 27 ao alvorocer tendo-se apresentado o dia em condições favoraveis renovou-se o assalto. O assalto, sob a proteção do fogo da artilharia e do duma linha de atiradores da força que guarnecia o acampamento, foi dado por todas as forças disponiveis, divididas em 4 colunas:

- á esquerda os auxiliares de Deribate e Mahubo (200 homens);
- ao centro as tropas de 2.^a linha de Lacló e Manatuto;
- " " os auxiliares de Liquiçá e Manbara e soldados de cavalaria de 2.^a linha e parte das tropas de 2.^a linha de Bancan;
- á direita, auxiliares de Manbara e Fatu-Masse, parte das tropas de 2.^a linha de Bancan e a infantaria de 1.^a linha apoiando a direita e parte do centro.

A linha de atiradores da guarnição do acampamento podia oferecer alguma proteção á ala esquerda, mas o seu fim era atirar sobre os rebeldes que se vissem passar ao lado esquerdo da montanha para as posições atacadas. A acção da artilharia foi enorme e sem a sua proteção eficaz o assalto teria resultado nulo.

A 2.^a coluna de ataque (centro) era composta pelos homens de 2.^a linha mais decididos e valentes e a sua disposição auxiliava principalmente o assalto da 1.^a coluna á esquerda. Era no entanto a ala direita (3.^a e 4.^a colunas) a mais forte em numero e qualidade, por causa da infantaria de 1.^a linha.

A infantaria de 1.^a linha apoiava o assalto da ala direita e impedia que os rebeldes do lado direito da montanha fôsem reunir-se aos das posições atacadas.

Esta linha de combate tinha aproximadamente a extensão de 1 quilometro.

Entre a ala direita e o destamento B, acampado em Leotelo, havia um grande angulo saliente da montanha. Este destacamento achava-se a uma meia hora da linha de combate e devia ter auxiliado o assalto tomando parte activa nele fazendo tambem um ataque simulado ou real.

A natureza do terreno era difficilima ao ataque. A encosta dum grandissimo declive por vezes a pique era cheia de grandes pedras que nalguns sitios se aglomeraram em grupos de penedos aguçados e cheios de arestas, servindo de suporte ás terras pedregosas que formavam a encosta, aos quais era preciso trepar agarrado ás suas saliencias. Por entre esses grupos de penedos havia barrancos, escoantes dagua inaproveitaveis e estreitas clareiras por onde rolavam a meudo penedos despenhados do alto da montanha pelos rebeldes e que era preciso atravessar rapidamente em ocasião escolhida para se não

ficar esmagado. Quando a encosta formava algum socalco, este estava ocupado por um muro fortificado dos rebeldes que abrigados das armas dos assaltantes despejavam, sobre estes, tiros, flechas e pedras.

Para terminar a descrição deste combate e seu melhor esclarecimento transcrevo uma parte do relatório de combate.

«O bombardeamento começou em seguida á alvorada avançando as forças sob a proteção eficaz da artilharia que, contudo, até essa mesma proteção apesar de dirigida com segurança pôs á prova a valentia dos assaltantes pois a metralha varria o terreno assobiando por cima das suas cabeças. As escarpadas vertentes estavam defendidas por taboleiros de trincheiras e tranqueiras inacessíveis, mas a propria força das posições rebeldes permitiu que a artilharia lhes inutilisasse a defensiva dos pontos de mais difficil acesso á esquerda e ao centro pois ahi o terreno talhado quasi a pique obrigava os rebeldes a expôrem-se ao fogo da artilharia para atacarem os assaltantes. Sobre a direita o fogo da artilharia levou-se ao ponto de quasi se tornar perigoso para os assaltantes. Pelas 10 horas da manhã os rebeldes começaram a fraquejar e ás 10 ¹/₂ abandonaram as suas posições avançando o centro e logo a seguir a direita num verdadeiro impeto, ao mesmo tempo que a esquerda alcançava as altas cristas por onde trepou. A debandado dos rebeldes foi geral mas o nevoeiro que caiu immediatamente não permittiu a perseguição. Calcula-se em 8.000 pessoas o numero de pessoas refugiadas na Cablac e em 3.000 o numero de combatentes. Os rebeldes lançaram cascatas de pedregulhos sobre os assaltantes, etc.»

O efeito real e moral desta acção foi enorme. O consumo das munições feito durante estes dias foi de 20.000 tiros de espingarda e 405 de artilharia, sendo 212 duma peça Hotkiss de tiro rapido.

Desalojados os rebeldes das suas posições, as forças assaltantes fôram ocupar um espaçoso socalco da montanha a que se deu o nome de Ablai por ficar no sopé do seu pico mais alto chamado Ablai e donde se via em baixo o acampamento de Less-Hate.

Os auxiliares apesar do densissimo nevoeiro que pelas 11 horas caiu sobre a montanha conseguiu exploral-a, tendo em 28 de regresso á posição de Ablai encontrado uma força de

sargento que do destacamento B em Leotelo subira ás cristas da Cablac fronteiras ao seu acampamento.

Nos dias 28, 29 e 30 procedeu-se á exploração e reconhecimento da montanha e verificou-se que os rebeldes se tinham refugiado nas cristas e cavernas da parte sul (Caicassa), mata de Hum e numas cavernas defronte de Leotelo. Das restantes deviam ter debandado uns para a região de Manufahi e outros ter-se extraviado pelo vale da Bé-Luli e montanha de Leo-Lau.

Obtida esta victoria era necessario aproveitar immediatamente o seu efeito moral e real.

Deu-se ordem ao destacamento B que, deixando em Less-Hate uma parte da sua força sob o comando dum official afim de guardar os depositos de viveres e munições e por meio de rondas explorar o vale da Bé-Luli, montanha de Leo-Lau e desfiladeiro de Oló-Rua, escoltando os comboios, seguisse para Ablai onde devia acampar e daí começar o seu serviço de exploração e vigilancia á montanha e batida aos rebeldes encurralados nas cavernas enquanto o destacamento A subiria para a região de Rotuto a auxiliar o desempenho do mesmo serviço.

Nesta altura a canhoneira «Patria» bombardeava a costa e a região de Manufahi até onde a sua artilharia alcançava. e o grupo leste em Leurai recebeu ordem para estender as suas forças para oeste da ribeira Carau-Ui e Sui afim de tirar todo o partido do bombardeamento da canhoneira e determinar a resistencia de Leo-Laco.

Dadas estas ordens a coluna do quartel general levantou o acampamento e começou a sua marcha pela vertente sul da montanha em direcção á região de Manufahi onde se encontraria com os grupos leste e oeste. Em 31 de Maio, tendo-se reduzido o comboio ao absolutamente indispensavel seguiu a coluna para Tato-Cali no alto da montanha.

Em 1 de Junho passou-se todo o dia e noite em marcha por meio duma floresta densissima que cobria a escarpadissima vertente sul cheia de precipios e á 1 hora da madrugada acampou-se numa clareira no meio da mata.

No dia 2 recommçou a marcha debaixo de chuva que depois se tornou torrencial e em vista dos inumeros perigos que as veredas da encosta ofereciam e já terem morrido 3 cavalos,

tiveram os cavalos de seguir por outro caminho mais longo mas mais seguro. Neste dia ás 2 horas da tarde, chegou a guarda avançada da coluna á povoação de Rotuto pondo em fuga alguns rebeldes colhidos ali de surpresa e só ás 2 horas da madrugada do dia 3 se lhe juntou a guarda da retaguarda com as munições e viveres.

Em 3 descançou-se em Rotuto por causa do pessimo tempo e em 4 seguiu-se para um cabeço chamado Tamenamo, dando-se nesse mesmo dia os combates de Tui-Ura e Hum (na orla da mata). De Tui-Ura foram desalojados os rebeldes depois de grande resistencia e ocupada esta posição dominante pela secção dartilharia e um pelotão da 8.^a companhia indigena dinfantaria. O da orla da mata de Hum obrigou os rebeldes a internarem-se na mata abandonando as palhotas que havia na orla e apreendendo-se-lhe algum gado que serviu para alimentação, pois a escacez dos viveres era grande devida ao comboio ter sido reduzido ao minimo.

Em 4 estava terminado o bombardeamento pela canhoneira «Patria» que recebeu ordem de retirar para Dilly.

Cêrco e tomada de Riac

Em 9 de Junho chegou a coluna a Raiméra, planalto a 800^m em frente do morro de Riac, posição fortificada e ocupada pelos rebeldes.

A campanha contra os rebeldes apresenta de agora em diante outros caracteres tambem curiosissimos por se tratar duma campanha contra selvagens.

O grande môrro de Riac nos contrafortes da montanha Coblac e região de Manufahi ocupa uma area relativamente grande, coberta dum arvoredado cerradissimo desde a base até ao cume através do qual era impossivel descortinar os rebeldes ou qualquer posição sua.

Para tomar esta fortissima posição foi necessario estabelecer e fazerem-se operações de cêrco que duraram 40 dias tendo-se construido trincheiras abrigos, trabalhos de sapa e mina para abrir a brecha naquela verdadeira fortaleza e depois dar-lhe o assalto.

O môrro era desde a base ao topo cheio de obras de fortificação até ao muro que cercava a povoação no alto de Riac, a qual de fóra quasi se não via por estar coberta com as ar-

vores colossais e copadas da densa mata. Nalguns pontos era o môrro talhado a pique por cortes de terreno de grande altura que tornava impossivel o acesso por esses lados; e pelos pontos havia a defeza tão sabiamente organisada que nem parecia de selvagens.

Além dumas obras exteriores de defeza havia uma fortissima trincheira cujo parapeito era coberto e defendido, numa longa extensão, de defezas accessorias construidas com ramagens emaranhadas e espetos de bambú que tornava impossivel o assalto a pequenas colunas como as de que dispunhamos. Os parapeitos das trincheiras tinham aberturas circulares nas quais encaixavam grossos canudos de bambú por onde os rebeldes espreitavam os assaltantes e disparavam as suas armas sem se descobrirem absolutamente nada.

As entradas eram completamente mascaradas e defendidas. Ao longo da trincheira havia travezes com a espessura sufficiente para resistencia ás peças de campanha e organisados defensivamente. Por cima desta trincheira havia obras de defeza que batiam completamente a trincheira e o espaço entre si sendo mais fortes as obras em torno da nascente da agua.

Para melhor elucidacão indicarei dia a dia as operações efetuadas contra Riach e no final trasladarei uma parte do relatório afim de melhor dar a impressão de como se foi desmascarando o môrro e suas obras até á sua tomada e ainda da natureza dessas obras.

A tres mil metros a S W de Riach estava a montanha de Leo-Laco igualmente ocupada pelos rebeldes. Estas duas posições eram os ultimos reductos dos rebeldes e as forças que operavam diretamente contra eles, eram a coluna com o quartel general e os grupos de leste e oeste.

O objectivo immediato da coluna do Q.^{el} G.^{al}, era Riach, assim como tambem do grupo leste. A composicão das forças não tinha sofrido variacão sensivel a não ser o Grupo de oeste donde destacára uma força de 40 praças de 1.^a linha sob o comando dum official para Raimeia afim de guardar o terreno entre Leo-Laco e a fronteira.

Na montanha Cablac operavam contra os rebeldes encurralados nas cavernas e mata de Hum e exerciam vigilancia sobre ela os destacamentos A e B.

A victoria da Cablac, o bombardeamento da canhoneira e

a aproximação das forças obrigáram os rebeldes a recolher-se aos seus reductos. E o desânimo dalguns povos rebeldes era já tal que em 31 um grande grupo de rebeldes passou a fronteira entre Memo e Nunu-Ura, tendo-lhe as forças da fronteira feito grande mortandade e não tendo depois disto conseguido passar mais, pelo menos em grandes grupos.

Em 10 de Junho, chegou a Turon o Grupo leste sendo-lhe dada ordem para proceder diariamente aos ataques de Riac, pela face que lhe fica fronteira afim de coadjuvar os nossos ataques devendo também estender os seus auxiliares até ao Grupo oeste, que se achava a caminho de Tir-Ai, um môro a S W de Raiméra e W de Leo-Laco.

11 de Junho—Ataque a Riac pela face N, fronteira a Raiméra, tendo-se empenhado todas as forças com uma peça dartilharia no local d'assalto. A's 14 horas foi mandado avançar o pelotão de reserva. Deste assalto resultou a perda para os rebeldes das obras exteriores de defeza.

12 de Junho—Novo ataque sem resultado tendo saído uma força em reconhecimento pelo flanco esquerdo de Riac.

13 de Junho—Idem, tendo saído uma força em reconhecimento pelo flanco direito de Riac.

14 de Junho—Ataque a Riac em 2 colunas; uma pela face S afim de se reconhecer o seu valôr de resistencia e para onde o Grupo leste levou uma peça de 8 e outra pela face N fronteira ao acampamento de Raiméra.

15 e 16 de Junho—Estiveram as operações paralisadas em virtude do mau tempo, tendo em 15 havido um ataque de pouca duração á face S antes de ter começado a chuva torrencial.

17-idem — Iniciaram-se os trabalhos de fortificação passageira e desbaste da mata, afim de se tentar descobrir as posições dos rebeldes. Foi dada ordem ao grupo leste para estabelecer um posto de auxiliares, sob o comando dum sargento, entre Leo-Laco e Riac, para evitar a passagem aos rebeldes duma para outra posição.

18-idem — Trabalhos paralisados pela chuva torrencial.

19-idem—Continuação do mau tempo. Estabeleceu-se o posto de auxiliares num pequeno cabeço a S de Riac e a meia

- distancia entre Riach e Ai-Halo (na serra de Leo-Laco). Este posto terá o n.º 1.
- 20-idem—Procedeu-se a um ataque afim de levar mais á frente a construção dos trabalhos davanço e fortificação.
- 21-idem—A chuva torrencial paralisou os trabalhos.
- 22-idem—Continuação dos mesmos trabalhos.
- 23-idem—Neste dia já o desbaste da floresta era grande e estavam construidos 3 longos abrigos onde as tropas se collocavam para proteger os trabalhos de avanço e um maior á retaguarda como ponto de apoio. A's 21 horas da noite os rebeldes fizéram uma sortida e desalojáram dos postos avançados com bastantes baixas os auxiliares que os guardavam. O abrigo que constituia posição de apoio foi sustentado pelos homens de 2.ª linha que o occupavam e por um reforço que saíu do acampamento.
- 24-idem—Reocupação e reconstrução dos abrigos escangalhados pelos rebeldes.
- 25 e 26-idem—Trabalhos paralisados por causa do mau tempo.
- 27 e 28-idem—Continuação dos trabalhos de avanço. Como o desbaste da floresta obrigava as nossas tropas a caminhar a descoberto para os abrigos o que permitia serem alvejados pelos rebeldes, construiu-se um caminho mascarado desde os pontos de apoio até aos postos avançados.
- 29-idem—Durante o dia proseguiu-se nos trabalhos anteriores. A's 21 horas os rebeldes atacáram o posto n.º 1, tendo sido repellidos depois de meia hora de forte tiro-teio e dalguns tiros dartilharia que sortiram efeito, pois no dia seguinte se viram grandes rastos de sangue no sitio onde cáram os projecteis. Para se opôr algum efeito ás sortidas noturnas dos rebeldes deixavam-se ao pôr do sol as peças apontadas para sitios onde mais ou menos se sabia que os rebeldes se juntavam e que o desbaste das arvores já deixava perceber. Estes tiros de noite quando faziam efeito real ainda maior efeito moral faziam.—Em 29 de Junho recebeu-se comunicação duma revolta no comando de Bancan, tendo o gen-

tio rebelde incendiado umas povoações. Foi dada ordem para uma força de 30 marinheiros da canhoneira «Patria», sob o comando dum official, ir para Bancau e mais 1.000 auxiliares sob as ordens do official comandante da mesma região que se achava em serviço no Grupo leste. Era de supôr que esta rebelião se desse com o intuito de desviar forças da região de Manufahi e que fosse de pouca dura e facilmente sufocada. Na verdade assim foi.

30 de Junho e 1, 2 e 3 de Julho.—Proseguimento dos trabalhos de aproximação. Não sendo possível levar mais proximo os abrigos, pois estavam já a pouquissimos metros das trincheiras dos rebeldes, começou-se em 3 de Junho a construção de trabalhos de sapa com o fim de se fazer uma mina debaixo dos muros e parapeito da trincheira dos rebeldes. Estes trabalhos foram feitos em duas direcções, partindo duma linha de abrigos paralela á trincheira dos rebeldes e para os quais se aproveitaram os muros das obras exteriores dos rebeldes de que nos primeiros dias nos tinhamos apossado.

4 e 5 de Julho. — Paralizados os trabalhos por causa do mau tempo.

6 idem.—Continuação dos trabalhos anteriores. A.S. de Riac no sopé do mesmo monte estabeleceu-se o posto n.º 2 constituído pelos auxiliares de Manlau para dificultar a comunicação dos rebeldes com Leo-Laco. Para evitar fugas de rebeldes para as regiões já batidas, saíam de todas as forças rondas diarias até ao quartel general e os dois destacamentos A e B, operavam ainda na Cablac.

De 7 a 14 idem.—Continuação dos trabalhos de sapa. Tendo em 12 de Julho chegado a Dilly uma nova companhia indigèna de Moçambique (10.^a comp.^a) foi rendido o destacamento de marinha em Bancan por um desta companhia e foi dada ordem para que a mesma companhia marchasse com brevidade para o teatro de operações.

15 idem.—Paralizados os trabalhos por causa da muita chuva.

16 idem.—Continuação dos trabalhos de sapa.—Ao passo



que se operava contra Riach, era tambem necessario operar contra Leo-Laco para, pelo menos, evitar que os rebeldes em grupos saíssem daquela posição para fugir ou procurar alimento, para o que se tinham dado ordens ao Grupo oeste. As informações que sempre houve a respeito das provisões dos rebeldes nas diversas posições que atacámos foram contraditorias e portanto sem fundamento para serem acreditaveis quando as recebiamos. — Do nosso acampamento viam-se indigenas trabalhar com todo o afan nas suas obras de fortificação, as quais se via tambem progredirem com celeridade. Por isto se via a necessidade de operar já contra Leo-Laco para evitar que mais tarde as operações de ataque fôsem mais demoradas. Em vista disto, deram-se ordens ao Grupo oeste para manobrar com estes fins e ocupar Loto, um cabeço na extremidade oeste da serra de Leo-Laco. — Para a coluna do quartel general tinha vindo um pelotão de 50 praças da 9.^a companhia com 1 oficial, ficando assim o Grupo oeste com 137 praças de 1.^a linha.

17 e 18 idem. — Proseguimento dos trabalhos de sapa e mina. Em 17 a 10.^a companhia chegou a Same, posto de abastecimento das forças, e foi-lhe dada ordem para ocupar Bandeira até ao dia 20 apoiada pelas forças do Grupo leste.

19 idem. — Tendo-se terminado a construção duma mina na linha de ataque do lado direito, fez-se rebentar esta depois de preparadas as forças para o ataque. Do lado esquerdo as sapas tinham chegado junto ao muro onde havia uma entrada para os entrinçamentos dos rebeldes. — Aberta a brecha, deu-se o assalto pela face N. Torneando o mórro por W seguiu uma força afim de atacar a face S, e torneando o mórro por E seguiu outra força afim de proceder a um ataque por aquele lado onde havia tambem um posto constituido por auxiliares de Vémasse (posto n.º 3) do grupo leste e que depois de tomada uma pequena obra de fortificação que guardava um regato de agua se foi juntar á força que tinha ido por W. A força atacante da face N tomou a grande trincheira dos rebeldes e varias obras

superiores e na face S, depois dum excelente bombardeamento, as duas forças reunidas (as que tinham torneado o monte) penetraram facilmente a trincheira e tomaram a povoação que ali havia. As posições tomadas ficaram durante a noite ocupadas pelas forças assaltantes estando estas ligadas numa linha interrupta.

20-idem — Continuou-se o assalto pela face N e depois dum violentissimo combate que durou todo o dia, foi tomada uma obra que defendia uma nascente de agua do lado NE ficando ao cair da noite os rebeldes reduzidos á povoação de Riac. — Neste dia foi tambem occupado o môro de Bandeira pela 10.^a companhia.

21-idem — Renderam-se os rebeldes de Riac em numero de 4500 pessoas tendo-lhes sido apreendidas 342 espingardas, muito armamento indigena e alguma polvora.

Neste cerco de quarenta e um dias consumiram-se, não contando com os tiros das espinhardas de pedreneira, fulminante e polvora para as minas, trinta mil tiros de infantaria e 628 tiros de artilharia. E' preciso notar que muitas das munições, principalmente de artilharia, falhavam.

Segue-se uma transcrição do relatório das operações de Riac:

«Começou o investimento de Riac no dia 11 de Junho, tentando-se, de 11 a 15, successivos assaltos em diversos pontos sem resultado, mas pelos quais se formou a primeira ideia aproximada do sistema de fortificações impenetraveis que defendiam o morro de Riac, totalmente mascarado por uma floresta impenetravel, e os rebeldes perderam os seus entrenchamentos exteriores que antigamente formavam a unica defesa de Riac já então reputada inexpugnavel.

Determinado o ponto mais acessivel da defeza que era necessario romper e assaltar, á perda consequente para os rebeldes das fortificações que flanqueavam o ponto determinado para o ataque, se proseguiu no assalto das linhas de defeza mais elevadas e começaram os trabalhos de ataque pelo desbaste da floresta que mascarava os formidaveis entrenchamentos e obras, sabiamente complicadas, da defeza dos rebeldes.

O desbaste da floresta e a construção das nossas primeiras trincheiras — abrigos foi extremamente fatigante e perigoso

porque as balas chuíam sem que a densa folhagem permitisse determinar donde partiam os fogos, executando-se o bombardeamento um pouco ao acaso na direcção das grandes oclálas (gritárias) dos rebeldes e que pela disposição do terreno para surdir das entranhas da terra.

Dias sucessivos de chuvas num terreno argiloso carregado de humus, junto com os dejetos das forças que dia e noite ficavam para se não perder o terreno conquistado, faziam que ao perigo acrescessem as dificuldades e condições desagradáveis do trabalho.

Proseguiram os trabalhos até que no dia 19 se fez explodir uma mina carregada com 42 quilos de pólvora ordinaria que abriu brecha num dos pontos mais importantes da defeza emquanto que, mais á esquerda, trabalhos de sopa levaram as nossas forças junto dos muros num outro ponto de grande importancia, realisando-se finalmente o assalto numa de 600 a 800 metros e sendo tomados os entrincheiramentos mais importantes dos rebeldes.

Sobre o flanco direito tomava-se outro ponto importante da defeza, emquanto que na face leste de Riach as nossas forças se aproximavam e tomavam os primeiros entrincheiramentos daquela face do môro.

No dia 20 fôram os rebeldes desalojados das tranqueiras importantes da face NE onde tinham nascentes de agua e ao alvorecer do dia 21 os rebeldes, encurralados no pico de Riach e estando-se a preparar o assalto final, pediam para se render o que foi aceite com declarações que tinham de se entregar completamente á nossa discrição sem condições de especie alguma, como se lhes disse por intermedio de duas mulheres que mandáram como emissarios.

Do sistema de fortificações não é facil dar ideia; mas, continuas como eram, flanqueando-se umas ás outras e aproveitados todos os accidentes do terreno com duas, tres e quatro linhas de fogo sobrepostas, com muros de pedra e terra de dois metros e mais de espessura, mascarados e protegidos exteriormente por sebes de bambu bravo que davam tempo na ocasião do assalto a fusilar vagarosamente e á queima roupa os assaltantes, constituia por certo esse sistema de trincheiras, parapeitos fossos e baluartes, uma obra maravilhosa de defeza.

Os rebeldes defendiam-se numa segurança quasi completa, abrigados pelos parapeitos e metidos nos fossos internos que os protegiam da artilharia, cujos fogos ainda eram limitados na sua acção por travezés que ao longo dos entrincheiramentos formavam um sistema de baluartes. E, todo o conjunto mascarado pela densa floresta do môrro permitia-lhes disputar palmo a palmo o terreno, ficando cada sector da defeza abandonado e por nós conquistado perigosamente batido doutros pontos ainda não localizados, do que se poderá formar uma palida ideia das dificuldades do ataque.

Desta maneira, o esforço enorme do primeiro assalto precisava doutro e outro sempre no meio da anciedade do que se seguiria a cada posição conquistada.

Aos rebeldes aprisionados, em numero de 4500 pessoas, apreendeu-se 342 espingardas, 1100 azagaias, 1800 catanas de guerra, um numero incalculavel de flechas e alguma polvora.

Das nossas forças tivemos durante o tempo que duraram as operações contra Riak 42 mortos e 86 feridos, além de grande numero de feridos sem importancia provenientes de pedradas que ficaram sem registo. Dos rebeldes não se pôde avaliar o numero de baixas que deve ter sido importante a avaliar pelos cadáveres insepultados que ainda se encontraram e pelo grande numero de sepulturas recentes dispersas pelo môrro e pelo grande numero de feridos que se contam entre o prisioneiros».

Tomada Leo-Laco

A este tempo tinham os comandantes dos destacamentos A e B participado que a montanha Cablac estava limpa de rebeldes. Tinha sido grande o numero dos que se tinham entregue ás nossas forças devido ás batidas que se lhes déram. Tinha-se dado ordem ao destacamento A para vir juntar-se á coluna do quartel general e o destacamento B acampava em Rotuto.

No dia 24 procedeu-se a um reconhecimento na vertente norte de Leo-Laco e no dia 25 de Julho a coluna marchou para Maubuco, numa crista separada da vertente da montanha por um ribeiro, onde acampou.

Como até esta data o Grupo oeste não tivesse ocupado

Loto e era de necessidade para as operações contra Leo-Laco ocupar aquele cabeço, marchou o destacamento A a ocupar Loto, onde á noite acampou depois de ter repellido os rebeldes.

No dia 25 de Julho a situação e composição das forças que operavam contra os rebeldes de Manufahi era a seguinte :

Coluna do quartel general—Manbucó—11 officiaes, 42 praças europeias, 150 praças africanas de 1.^a linha, 1 voluntario, 251 homens de 2.^a linha e 1.063 auxiliares.

—Destacamento A, em Loto—1 official, 41 praças de 1.^a linha, 1 voluntario, 19 homens de 2.^a linha e 1.000 auxiliares.

—Destacamento B, em Rotulo—1 official, 31 praças de 1.^a linha, 63 homens de 2.^a linha e 500 auxiliares.

—Grupo leste, em Turon—5 officiaes, 75 praças de 1.^a linha, 71 homens de 2.^a linha e 1.850 auxiliares.

—Grupo oeste, em Ermera de Manufahi—5 officiaes, 73 praças de 1.^a linha (numero que dias depois foi augmentado com 34 praças da 10.^a comp.^a), 211 homens de 2.^a linha, 2 voluntarios e 2.500 auxiliares; e o pelotão da 8.^a comp.^a, agregado a este grupo, em Tir-Ai com 1 official, 48 praças de 1.^a linha, 41 homens de 2.^a linha e 200 auxiliares.

—10.^a companhia, em Bandeira— 6 officiaes, 120 praças de 1.^a linha (donde dias depois saíram as 34 praças para o Grupo oeste (51 homens de 2.^a linha e 600 auxiliares).

Começaram em 25 de Julho as operações conjuntas das forças indicadas contra a montanha de Leo-Laco e que decorreram como vou expôr. Era Leo-Laco o ultimo reducto dos rebeldes.

Em 26 de Julho o pelotão da 8.^a comp.^a agregado ao grupo oeste avançou para Ai-Dahaba ao sul de Loto. Na vertente norte da montanha a columna do quartel general atacou as obras de fortificação para determinar pontos de ataque e procurou-se ligar as forças entre Turon e Manbucó, estendendo uma parte das forças atacantes para léste.

Antes do anoitecer o posto n.º 1 (que estava entre Riacc e Leo-Laco durante as operações contra Riacc) ficou estabelecido numa pequena altura proximo e a leste de Manbucó.

Tinham-se dado ordens ao Grupo leste e 1.^a companhia para tomarem Raibuti tendo estas forças feito em 26 o ordenado ataque sem resultado.

Nas circunstancias em que estavam os rebeldes ocupando o seu ultimo reducto contra o qual se conjugavam os esforços de todas as forças importantes, podia-se prevêr a queda facil da posição pois o estado moral dos rebeldes devia ser de desanimo. Era absolutamente necessario fechar completamente o cêrco, na posição para evitar a fuga dos rebeldes, sabendo-se demais a mais que estavam ali refugiados os principais chefes da revolta.

Em 27 de Julho foi dada ordem ao destacamento B para marchar para Raimeia afim de cortar por aquele lado a fuga aos rebeldes para o territorio holandês.

A montanha de Leo-Laco era toda rodeada duma trincheira no genero da de Riach e mascarada em todo o seu comprimento por uma sebe de bambú que lhe servia tambem de importante defeza acessoria. Na vertente norte iniciaram-se trabalhos de sapa em dois pontos, afim de conduzir as forças junto dessa trincheira para se poder destruir a sebe que a revestia e que era um obstaculo grande ao assalto da mesma trincheira.

—Em 28 e 29 continuaram-se os trabalhos de sapa e em 29 deu-se ordem ao Grupo oeste para os irregulares ocuparem a margem esquerda da ribeira Ai-Assa. Do grupo leste comunicaram que se tinha efectuado novo ataque a Raibuti e Dirboco sem resultado, e tinham ficado estabelecido 5 postos avançados ao longo da ribeira que circunda Leo-Laco, sendo 3 na margem direita e 2 na esquerda. Na noite de 29 estes postos avançados foram atacados pelos rebeldes.

—Em 31, no sector do Grupo leste ficaram estabelecidos 8 postos avançados.

—Em 1 de Agosto iniciaram-se no mesmo sector os trabalhos de sapa nos postos mais avançados na margem direita da ribeira n.^{os} 5 e 8.

Ao grupo oeste deram-se ordens precisas para que as suas forças se postassem á frente da ribeira (margem esquerda) e o cerco ficasse completamente fechado por aquele lado.

As forças da 10.^a companhia atacáram Samóro onde se chegaram a estabelecer, mas donde fôram repelidas pelos re-

beldes, tendo os auxiliares abandonado na retirada um cunhete de 1500 cartuchos kropatchek.

— Em 2 de Agosto um pelotão das forças do quartel general foi substituir em Loto o destacamento A e este seguiu para Bandeira afim de se poder ocupar Samóro.

— Em 3 deu-se ordem ao comandante de Suai, na fronteira, para estabelecer um posto em Camenassa e rondas entre Suai e Camenassa e Lolotoi e Camenassa.

Foi ocupado Samóro pelo destacamento A, tendo imediatamente esta força estabelecido alguns postos avançados.

Em Bancau terminaram as operações.

— Em 4 de Agosto seguiu do quartel general para Bandeira um reforço de 30 homens de 2.^a linha.

— Em 5, á uma hora da madrugada, os rebeldes atacaram os postos avançados das forças do sector norte (q.^{el} g.^{al}) e fôram repelidos. Ao grupo oeste em Era-Ué deu-se ordem para que os postos avançados tomassem posições convenientes, de modo que estendendo-se para o flanco esquerdo tomassem contacto com o pelotão da 8.^a companhia (pertencente ao mesmo grupo) em Ai-Dahaba.

— Em 6, na vertente norte ocupada pelas forças do quartel general os trabalhos de sapa estavam concluidos e ás 16 horas estava aberta uma brécha na trincheira dos rebeldes, proximo de Ai-Halo (môrro dentro do terreno entrincheirado). Deitou-se fogo á sebe de bambú e deu-se o assalto á posição, que devido ao adeantado da hora não pode proseguir, tendo no entanto sido penetrada a trincheira, tomado e ocupado o pequeno môrro de Ai-Halo e consequentemente os rebeldes reduzidos ao cabeço de Leo-Laco. Foi tomada uma peça japonesa que os rebeldes tinham roubado em Same, no inicio da revolta, muitos viveres e algum armamento e munições.

Certamente como consecuencia do resultado deste assalto, o grupo oeste comunicou ter tomado das 18 para as 19 horas umas trincheiras em Acadirohará onde deixou estabelecidos 2 postos, comandados por oficiais e a 10.^a companhia ter tomado de assalto ás 18^h30^m Raibuti, que ocupou.

— Em 7 o comandante em chefe das forças fez um reconhecimento a todas as posições em torno de Leo-Laco.

Houve, então, por apreensões que se fizeram aos rebeldes, ocasião de ver que eles *aproveitavam os cartuchos da espin-*

garda Kropatchek para espingardas de maior calibre metendo e ajustando os mesmos cartuchos em pequenos canudos de bambû que se ajustavam perfeitamente na camara das espingardas de maior calibre e que eles tinham. Com a peça japonêsa tambem tinham feito fogo, e na ocasião em que foi tomada estava ela carregada com balas de chumbo, pedras e bocados de ferro; o fogo era-lhe comunicado pelo ouvido que enchiam de polvora e que se transmitia a uma carga de polvora a granel alojada na camara da peça; a culatra conservavam-na fechada.

—Em 8 deu-se um assalto a Leo-Laco sem resultado e resolveu-se fazer trincheiras abrigos e avançar até ao pico por trabalhos de aproximação. Não podia ser doutro modo porque se tinha verificado no assalto dado que o terreno interiormente á trincheira tomada aos rebeldes era defendido por processos admiravelmente engenhados e duma efficacia a toda a prova.

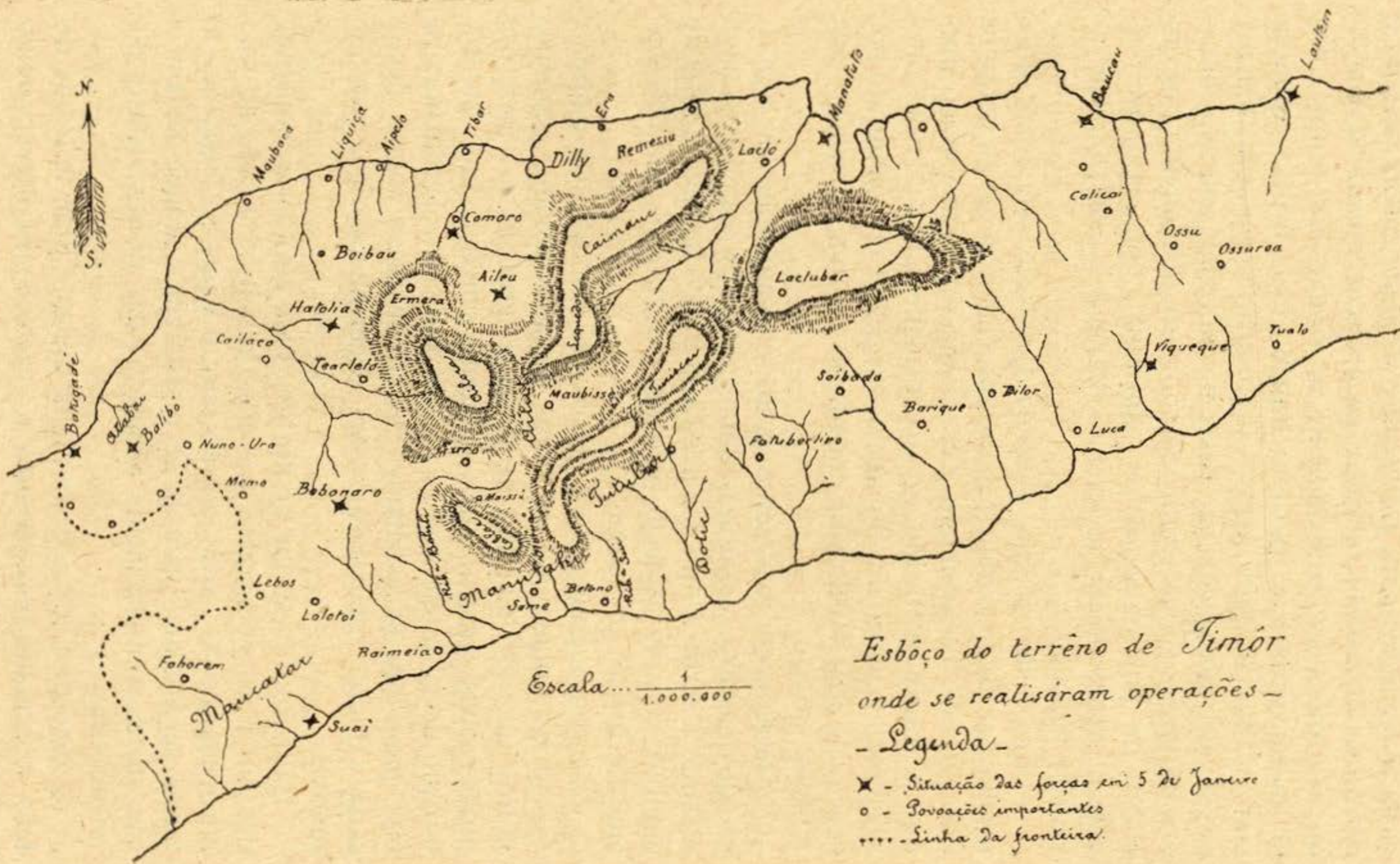
O terreno era totalmente batido chegando mesmo a posição de deitado a ser perigosissima, pois os projecteis passavam razando a terra. A um dos nossos mortos o ferimento foi feito entrando-lhe um projectil pelo alto da cabeça estando ele deitado de bruços no terreno.

O terreno estava cheio de covas, dispostas em xadrez e em varias linhas, com as bocas cercadas por uns pequenos muros (de 30^{cm} d'altura) de pedra e terra junto á base dos quais estavam abertas umas pequenas seteiras e tudo isto disfarçado de tal modo que se não notava com a facilidade precisa para que os assaltantes se conduzissem com a necessaria rapidez. Estas covas eram excelentes abrigos para atiradores.

Havia outra especie de abrigos para atiradores, constituídos por tufos de bambû, que eles tinham arrancado do solo, aproveitando as covas donde saíra o bloco de terra, que as raises seguravam, para lá se instalarem e donde faziam os seus tiros completamente abrigados das nossas vistas e dos nossos tiros.

O pico de Leo-Laco era ainda rodeado dum muro de defeza, mascarado pelas arvores e vegetação da floresta donde facilmente podiam alvejar os atacantes.

E toda esta organização de defeza era no meio duma flo-



Esboço do terreno de Timor onde se realizaram operações -

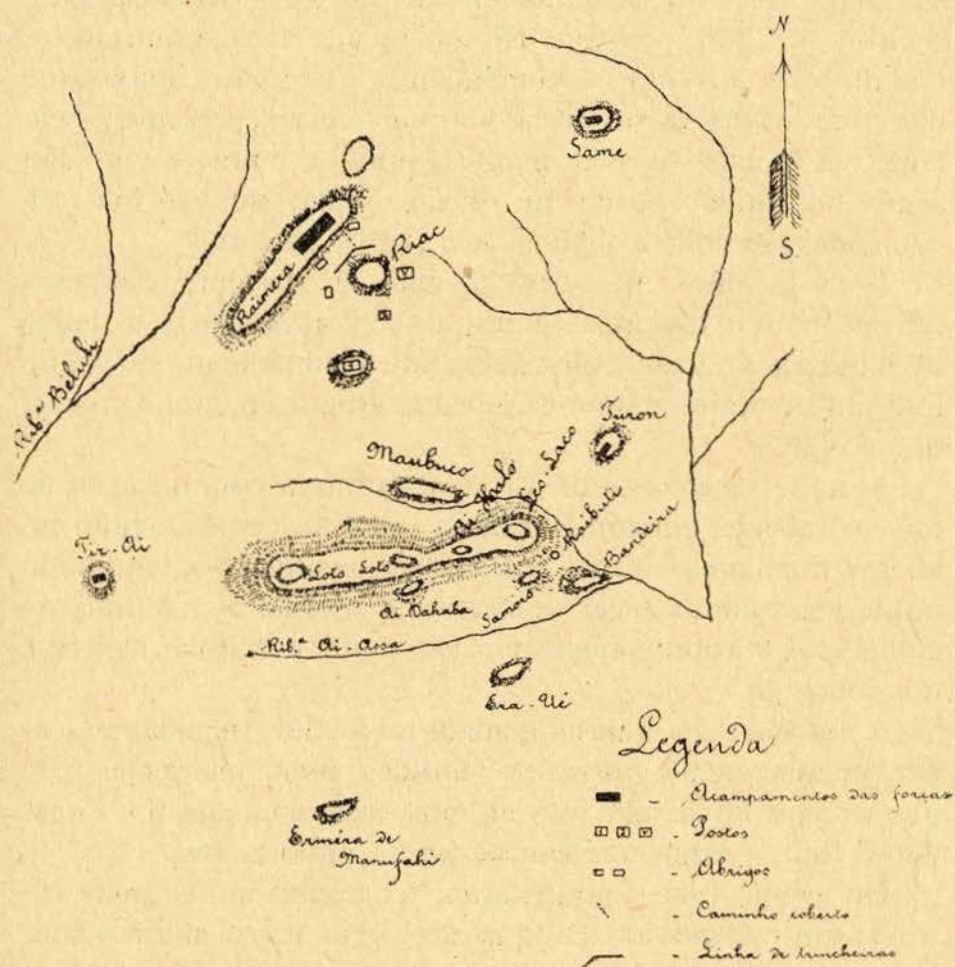
- Legenda -

- * - Situação das forças em 5 de Janeiro
- o - Povoações importantes
- - Linha da fronteira

resta cujo emaranho prejudicava a rapidez dos movimentos e isolava os assaltantes.

No dia 9, no sector das forças do quartel general, continuou-se a construção de abrigos e trabalhos de avanço e no

Esboço do terreno onde se realisaram as operações contra Riak e Leo-Laco



sector do grupo leste as forças tinham também avançado mais por meio de abrigos onde se colocavam pequenos postos.

Do grupo oeste e 10.^a companhia receberam-se comunicações dizendo que tinham tomado posições mais avançadas. O quartel general deu ordem para continuarem os tra-

balhos de avanços com celeridade e recomendou-se vigilância para evitar a fuga dos rebeldes.

No dia 10 as forças do quartel general deram um ataque ao pico de Leo-Laco e ocuparam-se posições quasi no topo do monte.

Durante este ataque o chefe principal dos rebeldes mandou emissarios a algumas forças com propostas de rendição e ao Governador, comandante das forças, chegou uma carta do mesmo chefe em que propunha entregar-se com toda a sua gente se as forças retirassem das posições ocupadas para o posto de Same, o que não foi aceite. Esta resolução foi comunicada aos outros comandantes de forças dizendo que não fôra aceite a proposta por poder ela representar uma tentativa de fuga ou pelo menos ganho de tempo e que, não sendo permitida a saída de rebeldes senão por Ai-Holo, recomendava-se toda a vigilância na linha de cerco.

A's 5 $\frac{1}{2}$ horas no acampamento de Maubuco começaram-se a ouvir descargas continuas e cerradas para os lados de Bandeira e Turon. Pelo telefone do acampamento do grupo leste informaram estarem os rebeldes a fugir em grande massa de Leo-Laco.

A' noite recebeu-se da 10.^a companhia a comunicação de que os rebeldes tinham forçado a linha do cerco fazendo recuar os auxiliares e tropas de 2.^a linha e evadiram-se tendo sido muita gente morta pelas descargas; o pelotão de 1.^a linha recolheu-se ao acampamento por não poder continuar na frente dos rebeldes.

A resposta do quartel general foi:—deve mandar reocupar imediatamente posições perdidas e dar instruções para que as suas forças não retirem, pois estão apoiadas por forças de 1.^a linha e teem nos flancos forças importantes.

Do grupo leste comunicaram ter fugido muita gente entre Turon e Bandeira tendo as descargas morto muita gente. Do grupo oeste houve comunicação identica e daquele lado os rebeldes romperam tambem as linhas tendo sido necessaria a energia dum oficial para os afastar quando pareciam dirigir-se ao acampamento do mesmo grupo.

Em 11 de Agosto ao romper d'alva as forças do quartel general entraram na povoação situada no pico de Leo-Laco. Estava pois tomado o ultimo reducto e portanto terminadas

as operações. Restava perseguir os rebeldes que se foram esconder nas matas prozimas da costa, serviço que se começou logo depois de dissolvida a columna de operações.

Na tomada de Leo-Laco as baixas dos rebeldes foram imensas e as nossas foram de 16 mortos e 47 feridos:

Terminou assim a campanha de Timor que durou de Janeiro a Agosto de 1912. E' digna de registo na nossa historia militar porque, além doutros motivos, apresenta ela uma lucta contra tribus guerreiras por indole e com uma inteligen-tissima tactica de defeza das suas posições, a ponto de ser necessario, para as levar de vencida, empregar meios que por emquanto só se teem empregado nas guerra entre povos de raças superiores.

E assim termino esta resumida descrição que tem a fundamental'a os documentos officiais da campanha e que, sem pretensão alguma a obra de merecimento, tem por mira chamar a atenção dos estudiosos e prestar aos mesmos alguns esclarecimentos para os seus estudos.

LUIS O. FRANCO.

Tenente de inf *

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Colheita de batatas. — Prevendo a Alemanha que para o consumo de cereais ia encontrar obstaculos, plantou batatas em todo o país, calculando-se que a colheita deste ano se eleve a 2.000.000:000 de bushels ¹. Como ponto de comparação, diremos que sendo a produção de batatas este ano em toda a Confederação dos Estados-Unidos da America calculada em 368.000:000, resulta ser ela menos de 20 por cento do que a quantidade produzida na Alemanha, semeada em consequencia das necessidades da guerra.

Preços da nova colheita. — As autoridades voltaram a fixar os preços máximos de todos os cereais. Estes vem a ser os mesmos, com pequenas diferenças, dos que foram fixados para a colheita anterior, mas a maneira da sua distribuição foi simplificada.

No ano anterior, fixou-se um preço para Berlim, e o resto do país dividiu-se em 32 distritos, cujos preços variaram em proporção á sua distancia á capital. No actual ha 4 distritos principais, e os preços variam d'acordo com a sua proximidade ás comarcas produtoras.

Entre os diferentes distritos ha uma diferença maxima de \$35 por quintal metrico.

Para a colheita de 1915, o preço do centeio para Berlim foi de 4 escudos o hectolitro; o do trigo 2\$26, proximamente, mais caro; a aveia, vem a resultar a 2\$88 e a cevada a 4 escudos o hectolitro.

Espanha

Projecto de lei creando o Estado maior central do exercito. — Artigo 1.º — E' creado o Estado maior central do exercito, que fará parte da Administração central e dependerá imediatamente do Ministerio da Guerra.

Competir-lhe-ha fazer os estudos de organização e instrução do exercito, assim como os da sua preparação para a guerra, procurando a unidade de doutrina e a utilização militar de todas as energias nacionais. Para tais fins, abrangerá os assuntos seguintes: Planos de orçamento. Sistemas de recrutamento. Fixação do contingente anual e norma geral para a sua distribuição. Guarnições sob o ponto de vista estrategico e de mobilização. Reservas. Planos de mobilização. Distribuição e constituição dos armazens de fardamento, equipamento, armamento e munições e dos parques de artilharia, engenharia, intendencia e saude. Construção de aquartelamentos e hospitais sob o ponto de vista de mobilização. Estatística. Planos de campanha. Planos de

¹ Medidas inglesas de capacidade equivalente a uns 36 litros e uma fracção.

concentração. Estudos dos teatros de operações. Estudos sob o ponto de vista strategico, referentes á construção e utilização de vias ferreas, fluviais e ordinarias. Transportes por caminho de ferro. Organização dos serviços da re-taguarda e estudos das linhas de etape. Plano geral de defezas de territorio nacional. Instrução e serviço dos officiaes do corpo do Estado maior. Instrução na Escola superior de guerra. Instrução superior de officiaes e orientação geral para os planos de ensino nas Academias militares. Instrução geral das tropas. Exercícios, manobras e escolas praticas. Estudos sobre adaptação das indústrias privadas ao fabrico de material para o exercito e plano de mobilização industrial. Dados sobre materias importadas para o fabrico de material de guerra e estudos para a sua substituição e produção no país. Adoção de novas armas. Modêlos de uniforme e equipamento; viaturas de todas as especies, bestas e arreios. Estudos sobre organização, distribuição e armamento dos exercitos estrangeiros e praças fortes das principais potencias. Adidos militares. Comissões ao estrangeiro. Reunião de documentos estatísticos e históricos. Historias das campanhas. Publicação de noticias e trabalhos de interesse para o exercito.

Art. 2.º—Aparte estes assuntos, o estudo dos quais corresponde directa e exclusivamente ao Centro, deverá este ser ouvido, com character consultivo, no respeitante á distribuição de fundos do Estado, votados para a aquisição, construção ou transformação do material e para as fortificações, edificios, subsistencias e medicamentos.

Art. 3.º—Será chefe deste Centro um tenente-general ou general de divisão, com a denominação de «chefe do Estado maior central do exercito», e a sua nomeação será feita por decreto, por proposta do Ministro da guerra, apresentada e aprovada em conselho de ministros.

Art. 4.º—Os assuntos affectos a este organismo, serão distribuidos em dois grandes grupos, denominados «secções», compreendendo a primeira, todos os que respeitam á organização, mobilização e preparação das reservas do exercito e do país, para o seu emprego na guerra, e a segunda, os relativos a planos de campanha e operações e instrução do exercito.

Art. 5.º—A' frente de cada uma destas secções, haverá um sub-chefe com a categoria de general de brigada.

Art. 6.º—As secções dividem-se em «Negociados», com chefes de categoria de coronel, tenente-coronel ou seus equiparados.

Art. 7.º—Independentemente das duas secções e das ordens directas do chefe, existirá çma secretaría, que terá a seu cargo os assuntos do pessoal do Centro, a parte administrativa do mesmo, correspondencia, regimen interno, registos e arquivos.

Art. 8.º—Em caso de guerra, a segunda secção será mobilizada e marchará para a campanha, constituindo a base do Estado maior do exercito ou exercitos que se organizem para as operações, e a primeira será o organismo que ha-de ficar junto do ministro para substituir a totalidade do Centro nas suas funções e assegurar a continuidade nos serviços necessarios ao exercito em campanha.

Art. 9.º—Com o fim de facilitar a gestão do Estado maior Central do exercito, supor-se-ha dividida a Peninsula em teatros eventuais de operações e em cada um deles organizar-se-ha permanentemente uma «Comissão de es-

tudos estrategicos e artisticos», com pessoal que dependerá daquele Centro e que terá por objecto proporcionar quantos dados e informações sefam precisos ao Estado maior central do exercito. Organismo primordialmente informativo e de investigação, será essencialmente activo, e o seu pessoal, pertencente a todas as armas e corpos, achar-se-ha constantemente mobilizado.

Art. 10.º—Em caso de guerra, o pessoal destas comissões fará parte do Quartel General do Exercito ou Corpo de exercito destinado ao teatro de operações correspondente.

Art. 11.º—Dependerão do Estado maior Central do exercito, na sua parte tecnica, todas as entidades, estabelecimentos e tropas especiais que por indole das suas comissões, podem coadjuvar aquele Centro, e estarão especialmente affectos a Junta de transportes militares e o Deposito de Guerra.

Art. 12.º—O chefe do Estado maior Central do exercito, despachará directamente com o ministro da Guerra, a quem apresentará, sob forma de planos gerais, os assuntos de que o dito Centro é incumbido.

Art. 13.º—Sempre que estes assuntos representem orientações novas, implique despesas não previstas no orçamento, ou tenham excecional importancia, serão as propostas daquele Centro sujeitas á deliberação do Conselho superior do exercito.

Art. 14.º—O chefe do Estado maior Central do exercito, poderá dirigir-se, por intermedio do Ministerio, a todas as autoridades civis e militares, solicitando os dados e as informações que julgue necessarias para a realização dos seus trabalhos, mas em caso algum emanarão directamente deste Centro, disposições de character executivo

Art. 15.º—O Estado maior Central do exercito, manterá estreita relação com o Estado maior Central da armada nos assuntos que se referem á defeza de praças maritimas, assim como aos planos de campanha e operações em que se julgue oportuna a intervenção ou cooperação da nossa marinha de guerra.

Art. 16.º—A distribuição e forma da expedição dos assuntos pelas secções e «negociados» do Estado maior Central do exercito, serão determinadas por uma disposição especial, que em caso algum aumentará o pessoal actual de Administração central.

Art. 17.º—E' dissolvido o actual Gabinete militar do Ministerio da Guerra, e os seus elementos constituirão a base para a organização do Estado maior Central do exercito.

Art. 18.º—Com o fim de garantir a estabilidade das idéas e planos que tenham de ser desenvolvidos pelo Estado maior Central do exercito, e afim de assegurar a estreita unidade de criterio que deve imperar entre os ministros da guerra e o chefe daquele Centro, é creado o Conselho superior do exercito.

Art. 19.º—Terá por missão este organismo o exame de todas as questões referentes á organização e instrução do exercito e á sua preparação para a guerra, sempre que as ditas questões representem uma orientação nova, impliquem despesas extraordinarias para o Estado, ou sejam de tal importancia que se julgue oportuno ouvir o parecer do Conselho a respeito delas.

Art. 20.º—O referido Conselho será constituído pelo Ministro da Guerra, que exercerá as funções de presidente, o chefe de Estado maior Central do

exercito, e dois vogais, ex-ministros da guerra. A secretaria do Conselho ficará a cargo de um official superior do Estado maior Central do exercito.

Art. 21.º—Os dois vogais, ex-ministros da guerra, serão nomeados por decreto, por deliberação, tomada em conselho de ministros, sob proposta do Ministro da Guerra. No caso de não haver dois ex-ministros da Guerra, serão nomeados para desempenhar aqueles cargos, vogais de categoria de tenente-general.

Art. 22.º—O Conselho reunir-se-ha de 3 em 3 meses, e além disso todas as vezes que o Ministro considere oportuno convocá-lo.

Art. 23.º—As opiniões emitidas no Conselho constarão das actas. O Ministro resolverá, e os seus acordãos, quando o requeiram, serão desenvolvidos pelo Estado maior Central, segundo a forma preceituada por esta lei.

Estados-Unidos

Meio para iluminar o campo de batalha durante a noite. — Actualmente estão sendo efectuadas em Washington diversas experiencias com este fim.

Os processos empregados além dos reflectores ordinarios são os seguintes: bombas especiais lançadas no espaço, servindo-se de morteiros, as quais ao chegarem a certa altura, produzem uma luz intensa, iluminando o campo em uma grande extensão durante 20 minutos, devendo ser feito novo disparo antes que a luz do anterior se apague.

Todos estes meios tem adquirido grande importancia na guerra actual, servindo não só para descobrir os movimentos do inimigo, como também para ofuscar as tropas que cruzem a zona do fogo e desorientar os pilotos de aeroplanos e dirigiveis.

Colheitas do trigo. — Os Estados-Unidos da America, com um *bilião* de bushels¹ de trigo, que pela primeira vez alcançou em 1915, não é o unico país que obteve uma boa produção, pois a do Canadá não tem tampouco precedente. A Italia teve também em 1915 a sua maior colheita de trigo, cevada e outros cereais. A India e a Persia viram as suas colheitas aumentadas. A Nova Gales do Sul espera alcançar 50 a 60 milhões de bushels. A França é que parece ser o unico país onde a colheita de trigo foi escassa.

A aviação militar e a venda de aparelhos aos aliados. — As grandes encomendas de aeroplanos feitas pelos aliados aos Estados-Unidos, fixam a atenção geral no desenvolvimento da aviação naquele país e neste ramo de industria americana.

Ainda ha um ano a industria do aeroplano levava uma vida de escasso desenvolvimento, por falta de bons clientes. As maiores encomendas eram feitas pela administração do exercito e da marinha, que empregava todos os esforços possiveis para organizar no país uma flotilha aerea capaz de defender as costas e as possessões coloniais. Mas todos os planos aereos falhavam por insuficiencia dos meios dedicados a este serviço.

Comparada com a dos Estados europeus, a aviação dos Estados Unidos estava em um grau de surpreendente pequenez, pois que no ano de 1912 ha-

¹ Medidas inglesas de capacidade equivalente a uns 36 litros e uma fracção.

via apenas uns 20 aparelhos, dos quais unicamente metade podiam empregar-se a fins militares. No Congresso aeronautico do referido ano, censurou-se com energia a insuficiencia da aviação americana terrestre e maritima. Esta agitação deu como resultado que se concedessem 1.500:000 francos para o campo de aeroplanos destinados ao exercito, e 2.600:000 para o desenvolvimento da aviação na marinha. Ainda quando este numero esteja muito longe do preciso para crear os meios de luta e exploração necessarios a uma grande potencia, assinala o principio duma boa organização, e em vista da necessidade de ampliar o armamento aereo surgido na actual guerra, espera-se que os representantes do país terão maior interesse em a atender.

Não ha nada determinado sobre a organização da flotilha aerea dos Estados Unidos. O governo projecta crear um esquadrão em Nova York, outro na Pensilvania, outro em Illinois e outro em Texas, aumentando-os depois até conseguir que cada uma das divisões tacticas (o exercito fem 15) conta com o seu esquadrão aereo proprio. O esquadrão de aeroplanos será formado por 8 aparelhos, 10 automoveis, dos quais 2 camions-oficina, 4 carros para o transporte de 8 motores e 4 viaturas para 8 aeroplanos e seus accessorios.

Existe em Pensacola (Florida) uma Escola de aviação, e varias escolas nas sedes dos esquadrões acima indicados.

O numero total de vôos efectuados pelos aviadores militares no ano de 1914, foi de 4:000, o que dá uma media de 11 vôos diarios. Para ganhar o atrazo da aviação nos Estados Unidos, comparada com a de outras potencias militares, esforçam-se actualmente em comprar aparelhos destinados á milicia e á guarda nacional, com fundos obtidos por subscrições publicas. O dinheiro disponivel sobe apenas a 195:000 francos, quantia que se não pode comparar com os 9.450:000 francos obtidos pela França, nem com os 5.100:000 marcos reunidos na Alemanha. Tambem o numero de aeroplanos para a marinha foi calculado com parcimonia. Até ao presente, nas manobras maritimas somente se apresentaram 6 aeroplanos. A direcção das manobras encontrou um importante apoio no «Aero Club da America», que proporciona pilotos para assistir ás grandes manobras, embora o seu numero não seja suficiente.

Por causa do excessivo numero de aparelhos empregados pelo exercito e marinha, a industria aviadora não podia progredir por falta de mercados noutra banda. Por isso causava surpresa que os aliados fizessem encomendas gigantescas á industria americana de aviação, cujo desenvolvimento era bem ex-casso e mais surpreendente ainda é que, segundo dados acerca da construção fornecidos pela Inglaterra, França e Russia, a actividade fabril é tão grande na America, que os prazos de entrega se cumpriram fielmente. As ampliações nas antigas fabricas, e as novas instalações de oficinas, surgiram como por encanto.

Nas encomendas militares trabalham actualmente cinco fabricas de aeroplanos e uma de motores. Do grande desenvolvimento conseguido pelo fabrico, é prova indubitavel o que a industria americana está organizando actualmente, de tal modo que pode produzir em um ano 5:000 aparelhos completamente acabados, ao passo que antes da guerra produzia sómente 100 aeroplanos no mesmo espaço de um ano.

A fabrica maior—as oficinas Curtiss—, constroem actualmente 12 aeroplanos por dia, e a fabrica de motores Sturphenant faz 10 motores cada dia.

Não se publicou ainda a estatística exacta das maquinas vendidas aos exercitos aliados, mas uma personalidade relacionada com a industria americana, aprecia o ingresso total das 5 fabricas produtoras, a'é ao fim de agosto ultimo, em 42 milhões de francos, que constituem o valor de 1:000 aeroplanos.

Para satisfazer o desejo do principal cliente, a Inglaterra, a casa Curtiss estabeleceu uma escola de aviação em Toronto, na qual se instruem mensalmente 10 alunos no manejo das maquinas Curtiss.

França

O novo pão de guerra. — Como meio de evitar ao povo que as consequencias da guerra europeia cheguem a provocar o consumo de pão de más condições nutritivas e gosto desagradavel — tal como ocorreu já na Austria na primavera passada —, o governo francês publicou um decreto ordenando que todo o pão para o consumo publico deverá contar uma proporção minima de 75 % de farinha de trigo.

Quanto aos 25 % restantes é permitida a utilização de varias substancias, tais como farinha de milho, de arroz, tapioca e outras féculas de cereais menos conhecidos.

Qualquer destas combinações produz um pão agradavel, tanto em côr como em bom gosto, e embora não inteiramente igual em principios nutritivos aos de farinha de trigo, aproxima-se deles muito. Todas estas substancias produzem positiva economia de trigo e de preço, sendo principalmente o arroz e o milho os que determinam maior economia.

O consumo total de trigo em França para o corrente ano de 1916 foi oficialmente calculado pelo governo em 123 milhões de hectolitros, e como a ultima colheita se avalia nuns 100 milhões, resulta que as compras ao estrangeiro se computam em 23 milhões de hectolitros. Estes calculos são feitos sobre a base normal de 100 por 100 de farinha; de modo que reduzindo-o ao tipo novo hoje permitido de 75 por cento de farinha de trigo, a colheita actual do país bastaria por si só para todas as necessidades do consumo.

Direcção de inventos uteis para a defeza nacional. — Por decreto de 13 de novembro ultimo foi creada uma nova entidade designada com o nome de *Direcção dos inventos que interessem á defeza nacional*, que dependerá do Ministerio de Instrução Publica e Belas Artes.

A proposta formulada pelos Ministros da Instrução, Guerra e Marinha, em favor da organização do dito Centro, baseia-se em que a guerra, á medida que avança em duração, toma cada vez mais intensamente o caracter de luta de sciencia e de maquinas, obrigando a combinação de antigos métodos de combate e dos mais mortiferos inventos da industria moderna, á constante resolução de dificeis e urgentes problemas, a cujo estudo se applicam activamente os serviços tecnicos dependentes da Guerra e Marinha. Mas a complexidade e variedade de tais problemas e a necessidade de chegar a conclusões rapidas exigem a colaboração de todas as forças intellectuais do país, e como as normas do engenho francês deixam de ser utilmente aproveitadas, ficando tambem sem adequado emprego maravilhosos elementos de estudo, por causa de que investigadores, isolados nos seus laboratorios e oficinas, dispersam os seus esforços, por falta de uma necessaria coordenação com a linha de fogo,

torna-se preciso orientar as tentativas dos inventores e relacionar o fruto dos seus trabalhos, devendo porisso organizar-se a direcção de que se trata. Segue-se assim o exemplo de Convenção Nacional que requisitava para o serviço da Patria, sabios e engenheiros; armeiros e serralheiros, e hoje, mais do que então, a mobilização industrial deve ser completada pela mobilização scientifica»

O decreto é como se segue :

Artigo 1.º — E' creado no Ministerio de Instrução publica e Belas Artes, enquanto durar a guerra, uma Direcção dos inventos que ofereçam interesse para a defesa nacional. Competir-lhe-á examinar as propostas dos inventores, tornando-os objecto de estudo com a applicação dos meios apropriados.

Ao mesmo tempo deverá levar a cabo todas as investigações scientificas que sejam propostas pelos Ministerios de Guerra e Marinha.

Art. 2.º — As experiencias que tenham por objecto os estudos dos inventos classificados de uteis para applicações militares serão levados a effeito pelos representantes da nova Direcção, de acordo com os membros dos serviços técnicos dos Ministerios de defesa nacional, podendo ficar adidos á dita Direcção officiais e funcionarios dos citados Ministerios.

Art. 3.º — A Comissão superior de inventos, creada por decreto de 11 de agosto de 1914 fica agregada á nova Direcção.

— Art. 4.º A organização da nova Direcção será determinada por meio de uma circular do Ministerio de que depende.

Art. 5.º — Os Ministros de Instrução publica, Guerra e Marinha, ficam encarregados, cada um no que lhe seja respeitante, da execução do presente decreto.

Segundo o *Genic Civil*, estarão á frente do novo organismo o sr. Borrel, sub-director da Escola norma| superior e o sr. Bijard, antigo aluno da Escola Politécnica, funcionario do Ministerio da Marinha.

Inglaterra

Comissão historica para os inventos. — Esta comissão, de criação recente, funciona sob a presidencia de lord Fisher, que passou a este posto em 5 de julho de 1915, ao terminar a sua missão no Almirantado, onde figurou como vogal técnico.

O citado organisino compreende uma Junta Central e um quadro de consultores. Aquela é composta do almirante Lord Fisher de Kilventone, que representa os elementos maritimos; Sir P. A. Parsons, para os assuntos de engenharia; sir J. S. Thomson, para os de fisica, e Mr. G. T. Bailly, para os de quimica.

Os consultores são em numero de 12, dos quais 3 engenheiros, 3 quimicos, 3 fisicos, 1 fisico-quirnico, 1 metalurgico e 1 radiotelegrafico.

A Australia e a guerra. — Até ao fim de fevereiro de 1915 o numero total de tropas enviadas pela Australia sobe a 39:000 homens, distribuido pela seguinte forma, consoante as armas :

Infantaria.....	600 officiais	19.000 soldados
Cavalaria.....	320	7.000 »

Artilharia.....	120	»	3.400 soldados
Sapadores.....	21	»	600 »
Tropas de comuni- cação.....	7	»	330 »
Pessoal sanitario..	200	»	2.100 »
Caminhos de ferro e outros servi- ços.....	180	»	4.900 »

No mês de abril ultimo ficou assente o envio de mais um contingente de 10.000 homens.

O custeio da participação da Australia na guerra somava, em 30 de junho de 1915, uns 300 milhões de francos.

DIVERSOS

Ensinamentos teoricos da guerra atual. — As principais novidades que até ao presente tem oferecido á tecnica a grande guerra, radicou principalmente nos cinco exemplos seguintes: emprego da artilharia pesada de campanha, utilizando os dirigiveis para a observação e o combate, automoveis couraçados, granadas de mão e escudos para a infantaria.

A artilharia pesada de campanha, emprega-se indistintamente contra alvos animados ou inanimados, e os alemães colocam-se na vanguarda das colunas em marcha. O seu emprego tornou-se muito eficaz contra as fortalezas, as quais não podem ser consideradas senão como pontos de apoio para os exercitos que se batem.

O aeroplano é a maquinas que maior rendimento proporciona. Está-se usando muito para a exploração longinqua, o mesmo que o dirigivel.

Para a exploração a curta distancia, o tipo de aeroplano ligeiro é o mais proprio. Estão-se empregando tambem muito para corrigir o fogo da artilharia, e, em geral, como meio de comunicação rapida, alternando com os dirigiveis, pombos-correios, etc.

Para o combate no ar, e como meio de arremessar bombas, empregam-se indistintamente o dirigivel e o aeroplano rapido, com dois ou mais assentos.

Os do primeiro tipo, tem maior capacidade de carga.

Os alemães deitam á terra pequenos sacos de cal, que lhes servem de referencia para os seus vôos.

Entre as armas utilizadas, tem-se empregado bastante contra colunas de tropas, os dardos d'aço. Um unico aeroplano pode transportar até 1:000 destes artefactos com 15 cent. de comprimento e um peso médio de meia onça cada um.

Em vista das experiencias da guerra, são necessarios 2 dirigiveis e 15 ou 20 aeroplanos nos quartéis generais dos exercitos; 8 a 10 aeroplanos nos de corpo de exercito e 5 nos das divisões de infantaria. Nas fortalésas de 1.^a classe, deve haver algum dirigivel e 8 a 10 aeroplanos, e nas de segunda e terceira, 8 ou 10 aeroplanos.

Para se opôr ás operações aereas do inimigo, haverá necessidade de estações aereas situadas em pontos importantes, guardas aereas para atacar as ma-

quinas hostís e processos especiais de iluminar cidades, posições, arsenais e acampamentos.

Para que a artilharia possa ser empregada contra os aeronaves, deve reunir as seguintes condições: disparar com angulos de 80°; fazer a pontaria com rapidez; que a peça seja susceptível de se carregar em qualquer posição, e que seja de facil transporte.

Requere-se, além disso, o emprego de projecteis especiais que podem ser observados em pontos distintos da sua trajectoria, por meio de explosões successivas ou outros artificios.

O uso que se vem fazendo dos automoveis, excede toda a ponderação.

As viaturas vão protegidas por escudos d'aço temperado de 3^{mm} de espessura, e são dotadas de um sistema especial de rodas, para quando teem de atravessar fossos e trincheiras.

O emprego que se está fazendo das granadas de mão, significa um retrocesso manifesto aos tempos antigos. Ha-as de duas especies, umas para produzir ferimentos e outras para asfixiar o adversario. Estas ultimas, teem dado excelente resultado. A carga compõe-se de arsenico e nitrato de bario, e apresenta a mesma côr e consistencia que a cola. As suas explosões produzem gazes de peroxido de azote, que, sós, produzem a morte, e misturados com o ar fazem perder os sentidos.

Emquanto á tactica, o indole especial da guerra, faz que esta se desenvolva nas trincheiras e que se empregue os sistemas mais complicados que se conhecem para esta especie de defesa.

As dividas de guerra. — Para fazer face ás despesas enormes creadas pela guerra europeia, as diferentes nações beligerantes tiveram que fazer um chamamento patriótico a todas as suas disponibilidades: emprestimos interiores, criação de obrigações, antecipações dos bancos emissores, novos impostos, emprestimos exteriores, etc.

Vejamos, como teem procurado acudir ás suas necessidades extraordinarias, os diferentes países combatentes:

Alemanha:

A importancia actual da sua divida de guerra, pode-se calcular em 49:400 milhões de francos, assim distribuidos:

	Milhões de francos
Setembro de 1914 — 1.º emprestimo de guerra, 5 %	5:575
Fevereiro de 1915 — 2.º idem, 5 %	11:325
Setembro de 1915 — 3.º idem, 5 %	15:125
Importancias aproximadas de antecipações ao tesouro	5:375
Dézekembro de 1915 — Creditos extraordinarios	12:000
Total	49:460

O ministro da fazenda alemão emitiu três emprestimos de guerra ao tipo de 5 %: o primeiro a 97,50, o segundo a 98,50 e o terceiro a 99.

Austria-Hungria :

A divida de guerra da Austria-Hungria é menor que a da Alemanha, mas deve ter-se presente que tambem é muito distinta a capacidade economica e financeira de um e outro pa's.

Eis um resumo daquela divida :

	Milhões de francos
Novembro de 1914 - 1.º empréstimo a 5 ½ por cento ...	2:415
Primeiro empréstimo consentido pela Alemanha	375
Novembro de 1914 - 1.º empréstimo de guerra hungaro.	
6 0/0	1:228
Maió de 1915 - 2.º empréstimo de guerra austriaco	2:920
Junho de 1915 - Idem, idem, hungaro	1:180
Idem, idem, convertido por banqueiros alemães	382
Divida flutuante de guerra	5:325
Total	13:825

A divida flutuante é formada de anticipações feitas pelo Banco Nacional e pela emissão de Bilhetes do Tesouro, que a esta data se terão consolidado para lançar um 3.º empréstimo.

Inglaterra :

A divida de guerra inglesa é muito elevada, pois sobe á respeitavel soma de 30:815 milhões de francos, assim distribuidos :

	Milhões de francos
Novembro de 1914 - Empréstimo de guerra, 3 ½ por	
cento	8:750
Março de 1915 - Obrigações do tesouro	840
Julho de 1915 - Empréstimo de guerra, 4 ½ 0/0	14:625
Outubro de 1915 - Idem americano, 5 0/0	1:250
Bilhetes do tesouro	5:350
Total	30:815

Desta soma emprestou a Grã Bretanha a outros países a quantia de 4:375 milhões, pelo que pode dizer-se que a divida propriamente nacional eleva-se só a 26:440 milhões de francos.

França :

E' o unico país que até 15 de novembro não havia recorrido ao empréstimo para atender ás suas despesas militares.

Deste empréstimo não se sabe ainda qual o resultado exacto, mas calcula-se que terão sido subscritos uns 14:000 milhões de francos.

Eis aqui um quadro das dividas de guerra francesas :

	Milhões de francos
Bilhete de Defesa Nacional	7:871
Obrigações, idem	2:241
Antecipações do Banco de França	7:100
Bilhetes do Tesouro por antecipações a governos estrangeiros.....	550
Emprestimo na Inglaterra	1:250
Idem na America	1:250
Emprestimo de novembro de 1915	14:000
Total.....	34:262

Russia :

A divida de guerra russa é crescidissima, em resultado da mobilização das industrias militares que tera sido preciso efectuar. Os algarismos desta divida são :

	Milhões de francos
Obrigações do tesouro	6:815
Emprestimo 5 %	5:330
Obrigações do tesouro, colocadas na Inglaterra	1:330
Idem, idem, em França	1:670
Bilhetes do tesouro	3:520
Antecipações contratadas em Londres e Paris	14:670
Total.....	33:335

Italia :

A Italia entrou na guerra em 24 de maio de 1915, isto é quando os demais países tinham já quasi um ano de campanha. A sua divida é por isso mais limitada que a dos países anteriores, e para isso contribue o ter aumentado bastante os seus impostos, tendo por isso menos necessidade de recorrer ao credito.

Esta divida é :

	Milhões de francos
Dezembro de 1914—Emprestimo 4 1/2 % (embora a data seja anterior á declaração de guerra, foi emitido para atender ás necessidades desta)	1:000
Julho de 1915—Emprestimo de 5 %	1:000
Antecipações feitas pelo Banco Nacional	1:216
Total.....	3:216

O resumo desta divida de guerra não pode, portanto, ser mais aterrador.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Espanha

- 1 CIENFUEGOS (D. Francisco A.) capitán de Artillería. *Mahón: base naval avanzada*.
Editado por M. Sintés Rotger, Mahón, en 1915.
- 2 PEZZI (Rafael). *Tres suplementos del catálogo de la Biblioteca del Centro del Ejército y de la Armada*.
- 3 *Curso de instrucción de 1914*. Observaciones formuladas por los jefes de Artillería que á él asistieron é informe correspondiente, redactado por la 1.ª Sección de la Escuela Central de Tiro del Ejército.
- 4 MARSELLA (D. Luis de la Gándara y) capitán de Infantería. *Alemania.—Reglamento para la instrucción táctica de las compañías de ametralladores*. (26 de octubre de 1911) traducción, con proemio y notas.
- 5 *Reglamento de tiro de ametralladoras en el ejército austro húngaro*, versión directa y anotada. Idem.
- 6 PEDRETTI (Dr. G.) traducido del italiano por el Dr. Estanislao Ruiz Ponseti. *Manual práctico del automovilista y del piloto aviador*. Un tomo de 860 páginas y 932 grabados intercalados en el texto. Precio 12 pesetas. Gustavo Gili, editor, Barcelona.
- 7 NAVARRETE, (D. Adolfo). *El poder naval en España*. Conferencia. Folleto.
- 8 HÖCKER (Paul Oscar). *Al frente de mi compañía. Tres meses de campaña*. Traducido del alemán por José Maluquer, ingeniero. Un tomo de 230 páginas, editado por C. Seither, Barcelona. Precio, encuadernado en tela, 3 pesetas.
- 9 PÉREZ (D. Antonio García). *Historial de guerra del regimiento de Borbón 17.º de Infantería*. 1 vol. 1915.
- 10 *Publicaciones de la Escuela Central de Tiro. Sección de Caballería*, Dedicado al resumen de la instrucción de tiro realizada por los cuerpos del Arma de Caballería en 1912, estando dividido en cuatro partes, que tratan, respectivamente, de la instrucción de tiro, de su aplicación, de la apreciación de distancias y observaciones generales.
- 11 *Publicaciones del «Memorial de Infantería»*. Resumen general formulado por la Sección de Infantería de la Escuela Central de Tiro de las Memorias redactadas en 1912 por los cuerpos de Infantería. Publicado de orden superior y aprobado por Real orden-circular de 8 de febrero de 1915.
- 12 *Información de estudios y experiencias realizados por la Sección de Caballería en la Escuela Central de Tiro*. Folleto núm. 21, de 70 pá-

ginas, correspondiente al mes de julio de 1915. Imprenta de la *Revista Técnica de Infantería y Caballería*. Madrid. Este folleto contiene el programa para el curso que ha de desarrollarse en los meses de septiembre y octubre del presente año.

Inglaterra

- 1 *Gouvernement Publications:*
- MILITARY. *Alleged German Outrages, Committee. Depositions* 6d
 — *Ditto. Report* without maps, 1d
Collected Diplomatic Documents relating to the Outbreak of the European War 1/
Army List. Quarterly. April, 1915 15/
 — *Ditto. Monthly. May, 1915* 1/6
 — *Ditto. Supplement. Promotions, Appointments, &c.* 6d
Field Service Manual, 1915. Royal Engineers — Field Company. Expeditionary Force 3d
Handbook of the Rangefinder, Infantry No. 2. Addendum 1d
Commission of Enquiry into the Violation of International Law, and of the Laws and Customs of War. 13th Report 1d
The Black Watch, Short History of 1d
Manual of Military Cooking and Dietary. Mobilization, 2d
Veterinary Manual (War), 1915 1d
Yeomanry and Mounted Rifle Training. Parts 1 and 2. 1912. (Reprinted, with Amendments, 1915). General Staff, War Office 6d
- ADMIRALTY. *New Zealand Pilot. Supplement No. 2. 1915,*
Gratis to purchasers of New Zealand Pilot.
- 2 SLEEMAN (Major J. L.) *First Principles of Tactics and Organisation (War ed., 1915) (with Reference to the Field Service Regulations) for Officers and N.C.O.'s of the New Army, Special Reserve, and Territorial Forces. 12mo, pp. 156. Gale & Polden* net 2/6
- 3 SMITH (G. Vernon) *The Bishop of London's Visit to the Front. Illustrated. 12mo, pp. 94. Longmans.* swd, net 1/; 2/
- 4 TRAPMAN (A. H.) *Straight Tips for «Subs». 32mo, limp. F. Groom* net 6d
- NAVAL AND MILITARY.
- 5 *Behind the Prison Bars in Germany. A Detailed Record of Six Months' Experience in German Prisons and Detention Camps. By a British Doctor who has just been released. Cr. 8vo, pp. 158. Newnes.* net 1/
- 6 BELLOC (Hilaire) *A General Sketch of the European War. The First Phase. Cr. 8vo, pp. 377. Nelson* net 6/
- 7 BRUCE (Aline) *Military Terms: English, German, French. 16mo. swd. Larby* net 6d
- 8 CORNFORD (L. C.) and Walker (F. W.) *The Great Deeds of the Black Watch. (Wayfarer's Library.) 12mo, pp. 184. Dent* net 1/
- 9 DANE (Edmund) *Trench Warfare: The Effects of Spade-Power in Modern Battles. Illustrated. Cr. 8vo, swd., pp. 64. United Newspapers* net 6d
- 10 EGGAR (H. C.) *An Alphabetical Key to «Message Form» Signals as*

- used in Semaphore and Morse, with up-to-date instructions in Semaphore. On card. *Forster Groom* 4d
- 11 *Every Officer's Note Book of Movements and Words of Command in Infantry Drill*. 18mo. H. Milfort. net 1/
- 12 *German War Proclamations*. Royal 8vo, swd. Allen & Unwin net 2/
- 13 LEE (Ida) *The Logbooks of the «Lady Nelson»*, with the Journal of her First Commander, Lieutenant James Grant, R.N. Illustrated. 8vo, pp. 342. Grafton. net 10/6
- 14 *Machine Gun Training (303 and 22 cartridges) Organisation, Section Drill, Tactical Handling, &c.* Written by an Officer of the Regular Army, and edited by E. John Solano. (Imperial Army Series.) 16mo, pp. 128. J. Murray net 1/
- 15 PARKER (Sir Gilbert) *The World in the Crucible*. An Account of the Conduct of the Great War. Cr. 8vo, pp. 432. J. Murray net 6/

Italia

- 1 MANGIANTI (Giorgio). *L'alto comando dell' esercito italiano: Cadorna, Zupelli, Porro*. — Firenze, Stabil. Tipo-litografico Società Anonima S. A. Materassi. 1915.
- 2 VITTORIO TURLETTI (Generale). *Lettere da casa*. Dono ai soldati italiani in campo promosso da una Associazione di gentildonne. Torino, Tipografia Baravalle e Falconieri, 1915. Prezzo: 25 Cent.
- 3 BRAVETTA. *Note su alcuni fasti di politica navale nel 1914*. Roma, 1915.

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *O Oriente portuguez*, n.º 11 e 12 de novembro e dezembro de 1915. Assentos de obitos no convento de S. Francisco d'Assis. Documentos do Arquivo de Fazenda. Duas lapides na capela de D. Lourenço em Pangim. *Varia variorum*.
- 2 *Revista de artilharia*, n.º 138 de dezembro de 1915. Mecanismo do reabastecimento das munições. Estudos sobre defesa das costas. Retalhos da Guerra. Importancia das minas submarinas na defesa dos portos. A guerra europeia — Diario da guerra. *Variedades*.
- 3 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 165 de novembro de 1915. Trabalho do Instituto de Anatomia Patologica da Faculdade de medicina de Lisboa e do Instituto Bacteriologico Camara Pestana — Nota sobre a sarcosporidiose bovina. *Medicina veterinaria colonial* — Relatorio. Aproveitamento dos salgados do Algarve pela exploração do gado lanigero.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 275 de dezembro de 1915. Escuela superior de guerra — Memoria del ejercicio n.º 5 (infanteria) desarrollado en Campo de Mayo al dia 17 de agosto de 1915. Directivas para la instruccion de reclutas en un batallon. La alimentacion del soldado en campaña. Marchas — Impresiones de las maniobras. Jurisprudencia militar. Noticias oficiales.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 6 de dezembro de 1915. Notas editoriais. A arte da fortificação. Uniforme militar. Historia das fortificações do Brazil. A patrulha de official como orgão da missão estrategica da cavalaria. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha.
- 2 *Revista maritima brasileira*, n.ºs 1-2 de julho e agosto de 1915. Sobre a nova doutrina de guerra — Barcos externos que influem sobre o tiro no mar. Submarinos e navios de guerra no futuro. Um resumo historico de radio telegraphia. Os acontecimentos navais.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º 41 de novembro de 1915. Memorandum para la ejecucion de los trabajos del Estado-Mayor y del Ministerio de Guerra. La estrategia, — Historia, — Evolucion. Atlas de signos convencionales topograficos. Las transformaciones de la guerra. Autoridad, subordinación y medios disciplinarios.

Espanha

- 1 *Boletin de Intendencia e intervencion militares*, n.º de janeiro de 1916. De automovilismo. Precios de la nueva cosecha en Alemania. La cosecha mundial del trigo. Harina de plátanos. El pan de almidón. El nuevo pan de guerra francés. Las Academias militares en España durante el siglo xviii. Trabajos del Centro tecnico de Intendencia. Las deudas de guerra. Notas sueltas
- 2 *Informacion militar del extranjero*, n.º de dezembro de 1915. Nis. Estudio sobre organización del servicio militar de aviacion en campaña. Experiencias y enseñanzas en relación con sus recursos económicos y factores morales. Las instituciones militares en el desarrollo de la vida social. Fuerza militar de Montenegro. Las fuerzas inmateriales de una nación en guerra
- 3 *Memorial de artilleria*, n.º de dezembro de 1915. Nuevos estudios acerca de las pólvoras españolas modernas. La teoría de los gases y su aplicación al estudio de la solución hierro-carbono. El tiro de alza unica á percusión en nuestras baterias de campaña. Ganado de artillero argentino.
- 4 *Revista de caballeria*, n.º de janeiro de 1916. Honrando la memoria de varios infantes héroes anónimos. La guerra actual. Consideraciones acerca del automovilismo militar. Crónica de las acciones de la Caballeria en la guerra de las naciones.
- 5 *Revista tecnica de infanteria e caballeria*, n.º 1 de 15 de janeiro de 1916. Biografia del Ex.^{mo} Sr. Capitán general D. Fernando Primo de Rivera y Sobremonte, Marqués de Estella y Conde de San Fernando de la Union. Estudios de estrategia y tactica general. Estudios sobre infanteria. La obra militar de la Revolución francesa. Estudio geografico. militar y moral de España. Obras historicas del capitán Sanz Balza, Ensayo de Reglamento táctico para infanteria.

Romania

- 1 *Romania militara*, n.º de setembro de 1915. Regela Carol 1-in. — Câteva date istorice despre activitatea militara. Cronica — Razboiul european. Se face luminã. — Dupe un an de rezboin. Din operatinnile militare de pe frontul occidental — Batalia de pe Yser. Armata franceza si introducece serviciului de 3 ani sub drapel. Lamurizi asupra oftalmici periodice. — Oftalmia epizootica, Panoptalmia epizootica, etc, aparuta anul recu printre caii armatei : Dupa 25 de ani.